

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA

Franciesca Bertagnoli Siqueira

**GAIA ARQUETÍPICA:**  
AS VISÕES MÍTICA, AMBIENTAL E FEMININA DA  
DEUSAA PARTIR DO HINO HOMÉRICO Nº30

Santa Maria, RS

2023

Franciesca Bertagnoli Siqueira

**GAIA ARQUETÍPICA:  
AS VISÕES MÍTICA, AMBIENTAL E FEMININA DA  
DEUSAA PARTIR DO HINO HOMÉRICO N°30**

Trabalho de Conclusão, apresentado  
ao Curso de História da Universidade  
Federal de Santa Maria (UFSM, RS)  
como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em  
História.

Orientadora: Profa. Dra. Nikelen Acosta Witter

Santa Maria, RS

2023

Franciesca Bertagnoli Siqueira

**GAIA ARQUETÍPICA:  
AS VISÕES MÍTICA, AMBIENTAL E FEMININA DA  
DEUSAA PARTIR DO HINO HOMÉRICO Nº30**

Trabalho de Conclusão, apresentado ao  
Curso de História da Universidade Federal  
de Santa Maria(UFSM, RS) como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciatura em História.

Aprovada em

**Profa. Dra Nikelen Acosta Witter  
(UFSM)(Presidente/Orientadora)**

**Profa. Dra. Semíramis Corsi (UFSM)**

**Prof. Me. João Davi Oliveira Minuzzi (UFSC)**

Santa Maria, RS

2023

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, preciso agradecer à Deus, por ter me dado a chance de experimentar tamanha experiência em relação à graduação.

Segundo, minha mãe por aguentar meus impulsos e ideias mirabolantes, ingressar no curso de História sendo uma delas. Mas acredito que apenas uma professora para compreender a outra. Não há como expressar pelos anos de sustento, confiança, defensoria, carinho e amor que esta mulher dedicou a mim.

Portanto, estou aqui apenas agradecendo pela fé que depositou em mim por confiar que me tornaria a melhor versão que eu poderia no caminho que escolhi.

Após ela, necessito ainda agradecer aos meus avós maternos que desprenderam esforços financeiros para me manter em Santa Maria.

Deixo minha menção aos meus amigos que leram, releeram, opinaram e me acalmaram durante o processo de escrita deste trabalho. E, principalmente, Isabel Flores, você foi um anjo.

Por último, mas jamais menos importante, gostaria de mandar meus agradecimentos à professora Nikelen que fez o incrível trabalho de me orientar nesta pesquisa. Cada reunião, discussão, indicação e proposta foi essencial para a construção não apenas deste trabalho, mas também da historiadora que estou me tornando. Acompanhar suas aulas e projetos ao longo dos últimos cinco anos têm sido uma honra e um prazer.

## RESUMO

### GAIA ARQUETÍPICA: AS VISÕES MÍTICA, AMBIENTAL E FEMININA DA DEUSAA PARTIR DO HINO HOMÉRICO N°30

A forma como os humanos compreendem e se comportam em relação ao meio ambiente é um dos pontos mais sensíveis da sociedade atual. A degradação ambiental tem, em especial em 2023, tem mostrado sua extensão no colapso climático que fez, desde ano, o mais quente da História registrada. Seca na floresta tropical, enchentes catastróficas, tempestades avassaladoras vieram como uma resposta da Terra aos abusos cometidos pela humanidade, especialmente nos últimos 150 anos. Em paralelo a isso, observa-se a luta constante das mulheres contra a violência, a opressão e os abusos a que é submetida por este mesmo modelo sócio-econômico-cultural que agride o planeta. A teoria Ecofeminista não vê como fortuitas essas ocorrências e nem como elementos descolados entre si. Utilizando-se da História Ambiental em conjunto com as teorias críticas do Feminismo, as ecofeministas acreditam que há uma conexão inextrincável entre as mulheres e a compreensão da Terra e da Natureza como entidades femininas. Ambas sendo tratadas como alvo de posse, controle, usos e abusos por parte de um sistema centrado no lucro financeiro e no poder masculino. A questão que se coloca é: quando isso teria tido início? Quando foi que essa correlação cultural foi elaborada e passou a ditar a estrutura dos comportamentos? Este estudo pretende investigar alguns dos primórdios desta ligação. O Hino n.30 de Homero dedicado a deusa Gaia foi a obra escolhida para essa análise. Tanto por sua ancestralidade, quanto por sua elaboração sobre as funções do feminino nas mulheres e da Terra como uma mulher, colocando a ordem e a felicidade do mundo na sujeição de ambas ao poder dos homens. O objetivo da análise dessa fonte é buscar elementos para compreender as fontes de onde a cultura ocidental “bebeu” para construir esse entendimento de mundo. Bem como, interessa perceber como essa visão de mundo veio a se constituir em uma estrutura social. Assim, agregamos ao Ecofeminismo e à História Ambiental, o estudo dos arquétipos do inconsciente coletivo — como proposto por Carl Jung e desenvolvido por outros estudiosos — como uma das possibilidades para nosso entendimento da questão. Como resultado desta análise, acreditamos poder colaborar para o repensar de tais padrões nesse momento tão crítico da História humana.

AUTORA: Franciesca Bertagnoli Siqueira

ORIENTADORA: Nikelen Acosta Witter

**Palavras-chave:** história ambiental; Gaia; agressão à natureza; arquétipos; ecofeminismo; violência contra as mulheres.

## ABSTRACT

### ARCHETYPICAL GAIA: THE MYTHICAL, ENVIRONMENTAL AND FEMALE VISIONS OF THE GODDESS FROM THE HOMERIC HYMN N°30

The way humans understand and behave in relation to the environment is one of the most sensitive points today. Environmental degradation has, especially in 2023, shown its extent in the climate collapse that has made this year the hottest in recorded History. Drought in the rainforest, catastrophic floods, devastating storms came as Earth's response to the abuses committed by humanity, especially in the last 150 years. In parallel to this, we can observe the constant struggle of women against violence, oppression, and abuse to which they are subjected by this same socio-economic-cultural model that attacks our planet. Ecofeminist theory does not see these occurrences as fortuitous nor as elements detached from each other. Using Environmental History in conjunction with critical theories of Feminism, ecofeminists believe that there is an inextricable connection between women and the understanding of Earth and Nature as feminine entities. Both being treated as targets of possession, control, use and abuse by a system centered on financial profit and male power. The question that has been asked is: when did this begin? When did this cultural correlation emerge and start to dictate the structure of behavior? This study aims to investigate some of the birth sets of this connection. Homer's Hymn n.30 dedicated to the goddess Gaia was the work chosen for this analysis. Both for its ancestry and for its elaboration on the functions of the feminine in women and the Earth as a woman, placing the order and happiness of the world in the subjection of both to the power of men. The objective of analyzing this source is to seek elements to understand the sources from which Western culture "drank" to build this understanding of the world. As well, it is interesting to understand how this worldview came to be constituted in a social structure. Thus, we add to Ecofeminism and Environmental History, the study of archetypes of the collective unconscious — as proposed by Carl Jung and developed by other scholars — as one of the possibilities for our understanding of the issue. As a result of this analysis, we believe we can contribute to rethinking such standards at this critical moment in human history.

Author: Franciesca Bertagnoli Siqueira

Advisor: Nikelen Acosta Witter

**Keywords:** environmental history; Gaia; aggression against nature; archetypes; ecofeminism; violence against women.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 TEORIAS E METODOLOGIAS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HISTORIADOR E A HISTÓRIA AMBIENTAL</b>	<b>18</b>
3.1 O CAMPO DA HISTÓRIA AMBIENTAL.....	18
3.2 O TRABALHO POLÍTICO DO HISTORIADOR AMBIENTAL .....	24
<b>4 O SER HUMANO E SEUS ENTENDIMENTOS SOBRE A NATUREZA .....</b>	<b>28</b>
4.1 IDEIAS E VISÕES DA ANTIGA HÉLADE SOBRE A NATUREZA.....	28
4.2 COMPORTAMENTO DOS SERES HUMANOS DENTRO DO SEU AMBIENTE.....	30
<b>5 MITOS E ARQUÉTIPOS DA NATUREZA: DEFINIÇÕES E RESULTANTES DAS INTERPRETAÇÕES DO NATURAL .....</b>	<b>33</b>
5.1 HINOS E ARQUÉTIPOS: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES .....	33
5.2 O QUE NÃO É EU, É PROVAVELMENTE, FEMININO.....	37
5.3 REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA DENTRO DA MITOLOGIA HELÊNICA .....	38
<b>6. O HINO DE GAIA E OLHARES HISTÓRICOS, SOCIAIS E AMBIENTAIS .....</b>	<b>40</b>
6.1 A FIGURA DA MULHER HELÊNICA ANTIGA.....	40
6.2 O HINO HOMÉRICO N°30 E SUAS ANÁLISES .....	42
6.3 ARQUÉTIPOS DE ONTEM E HOJE: ECOFEMINISMO .....	45
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO A – FONTE UTILIZADA.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O campo da História Ambiental tem se desenvolvido desde a década de 1970. As discussões sobre o habitat da humanidade e de seus cohabitantes, a partir de uma visão histórica das ações dos seres, têm se pluralizado, modificado e se tornado mais imprescindível cada dia. O início do século XXI e a crise climática experienciada pela humanidade nesse momento são a prova de que o estilo de vida de grande parte dos seres humanos já deixou, há muito, ser saudável. O que antes era colhido de uma árvore, ou feito a partir de processos demorados, hoje é produzido em larga escala, de modo predatório e automatizado. A vivência dos seres humanos têm se tornado a cada dia mais robotizada e dependente das tecnologias. Entretanto, os insumos para estes produtos, essenciais a vida contemporânea, vêm de um único lugar: a natureza, o planeta, o ambiente que nos cerca.

O entendimento de natureza para esse trabalho será o de Alfred North Whitehead (1861-1947), em *O Conceito de Natureza*, originalmente de 1920, “natureza nada mais é do que a revelação da apreensão sensível” (Whitehead, 1994, p.217). À vista disso, será possível pensar natureza fora da simplória denominação de seus elementos (pedras, folhas, animais), e passar a compreendê-la amplamente e estruturá-la mais como uma *teia de elementos* do que necessariamente uma estrutura homogênea. Mesmo a lei máxima da química, proposta por Antonie Lavoisier (1743-1794), a qual afirma que no mundo, “nada se cria, tudo se transforma”, trata-se de uma realidade muitas vezes descartada e ignorada pelos modelos econômicos baseados na exploração.

Os animais, numa acepção genérica, ao nascerem, podem focar sensitivamente a sua volta duas coisas iniciais: sua progenitora e o lugar onde estão ou, ao menos, sentem os seus efeitos. Para os animais humanos contemporâneos, este lugar pode ser um hospital ou então uma casa e os primeiros seres com que esse novo indivíduo terá contato, muito provavelmente, será uma equipe médica ou uma parteira. Em outras palavras, trata-se de ambientes artificiais, feitos de concreto, tijolos, madeira e de outros modos de manipulação que os seres humanos se utilizam para construir seu local de habitação, de acordo com suas conveniências.

Retrocedendo no tempo, durante os períodos que precederam às revoluções agrícola e urbana não havia hospitais como se conhece hoje. E, assim, como para outras espécies, o ser humano tinha seu contato sensitivo primário imediatamente com um habitat mais natural e seu núcleo familiar. Dependendo de onde estava, e quando, o jovem ser humano teria familiaridade com floras e faunas específicas, as quais comporiam seu ambiente. Da mesma forma, seu núcleo relacional imediato e suas vivências alinhariam sua moral e ética, embasadas,

principalmente, pela sua cultura.

Neste sentido, o conhecer e o desconhecer, eram as bases para delimitar o que existia, ou não, dentro da sua realidade. Assim, passaria a utilizar pedras ou gravetos para obter fogo; se estabeleceria perto de uma caverna; ou cavaria no solo um abrigo; colheria frutos, caçaria, ou plantaria para sua alimentação. O fator convergente é: os animais humanos se utilizam do meio ambiente e do seu habitat para mais do que a sua sobrevivência; utilizam-no também para o seu conforto.

Aqui, então, pode-se começar a discutir quando o hábito de utilizar mais do que “o necessário” da natureza se iniciou. E ainda, ao abrir essa janela, analisar a fronteira entre que é, e o que não necessário; quais os motivos intrínsecos, alimentares, biológicos e assim por diante que determinam essa classificação. No entanto, não é o foco desta pesquisa delimitar como o ser humano (ou melhor, os agrupamentos humanos) utilizaram e utilizam a fauna e a flora para sua sobrevivência e conforto<sup>1</sup>.

O atual trabalho se desdobrará em tentar compreender como os seres humanos vieram a entender e classificar a natureza em sua cultura. Questiona-se como se deu o início dessa complicada relação e se quer entender os conflitos — mesmo que apenas dentro dos limites dessa reflexão — em seus momentos iniciais e suas repercussões, as quais podem ser sentidas ainda presentes.

Por onde começar, então?

Bem, antes disto, será necessário estabelecer certas bases. 1) Por motivos geográficos, limitaremos essa pesquisa ao “Ocidente” (compreendido como uma expressão política). 2) Seguindo isso, buscou-se uma sociedade em que se pudesse buscar as raízes “ocidentais” das formas de pensar e compreender a ação humana sobre os ambientes. Sendo assim, nos debruçaremos, deste modo, numa reflexão analítica das visões que o “ocidente” herdou do antigo povo helênico, interpretando o Hino Homérico N°30, referente à deusa Gaia. Para isso, levar-se-á em conta os *arquétipos* da deusa e suas ramificações quanto um ser mitológico, feminino e de representação da Terra.

Ainda justificando, foi pensado que a cultura helênica seria um ponto de partida por ter se construído um imaginário cultural de que a sua importância fora revolucionária para história da humanidade. Tal ideia enquanto “realidade histórica”, por certo, pode ser refutada.

---

<sup>1</sup>A saber pesquisas como as de Lise Sedrez sobre a história ambiental urbana (2022), de Warren Dean sobre a extração de materiais naturais do solo brasileiro (1997), os estudos sobre a fauna brasileira de Regina Duarte (2019) e os trabalhos sobre as plantações de vinhos e o uso de agrotóxicos de Eunice Nodari (2017).

no entanto, o mesmo não pode ser feito a respeito da própria ideia enquanto parte de uma “crença” ocidental sobre si mesma. Assim, busca-se na fonte analisar e compreender os modos que a sociedade helênica antiga observava, denominava e interpretava a natureza à sua volta. Ao escolher a representação da natureza mitologicamente primária dentro da cultura helênica antiga — Gaia —, não se poderá deixar de dissertar sobre a “coincidência” do mundo natural ser percebido como um ser feminino e primitivo. E, claro, não poderá deixar de perceber que — tanto o feminino, quanto o meio ambiente — são, ainda hoje, menosprezados e não devidamente amparados pelos sistemas políticos e legais do Ocidente em geral.

Para a fundamentação desses conceitos foi necessário levar em consideração a corrente teórica ecofeminista, a qual estuda as relações do meio ambiente com o feminino. O Ecofeminismo parte de uma visão contemporânea, mas busca na ancestralidade ideológica a construção dessa “ligação natural” do feminino com a natureza. Deste modo, neste trabalho, construir-se-á o para debate sobre quatro pilares da pesquisa: o feminino, a mitologia, os arquétipos e a natureza. Para isso, acredita-se que os trabalhos de Judith Butler (2003), Moses Finley (1912 -1986/ edição 1989) e Carl Jung (1875-1961/ edição 1976) se fazem importantes como arcabouço teórico. Da mesma forma, trabalharemos com autores fundamentais no campo da História Ambiental como Donald Worster (1991), José Augusto Pádua (2010) e Willian Cronon (1990). Apesar da maioria destes não se debruçar sobre a antiguidade, crê-se que as percepções de Jung em *Os Arquétipos e o Inconsiente Coletivo* (1976), guiarão a análise dos motivos e interlocuções do feminino<sup>2</sup> com o meio ambiente.

Duas questões foram importantes norteadoras deste trabalho, sendo elas pessoais e científicas ao mesmo tempo. 1) Não faz sentido viver em um lugar do qual não se cuida. Por qual motivo, então, além de não cuidar se destrói o maior habitat que temos?; 2) O debate envolvendo *feminino renegado* (conceito elaborado por esta autora). O *feminino renegado* é o pensamento do que não é masculino e não se encaixa em seus padrões de aceitação. É então, o “feminino menos feminino”, aqueles comportamentos que questionam a desigualdade e proporcionam debates incômodos para quem não se interessa em combater as injustiças.

Dentro da mentalidade instaurada na maioria das comunidades humanas, o preconceito com o outro se tornou um dos principais vícios criados, incorporados e consumidos pela humanidade. O medo é um catalisador da situação; no entanto, como superá-lo não será uma questão aqui. Durante a construção (e reformulação) da História como disciplina, os debates escolhidos

---

<sup>2</sup> Nesta produção, iremos utilizar a significação teórica de gênero e feminino de Judith Butler (1990), que será posteriormente, maior dissertada.

giraram em torno da realidade daqueles que a escreviam: homens, brancos e europeus. Neste contexto, aquelas que eram consideradas fora de tais padrões, não chegava a ter contato com essas escritas.

Sendo assim, estes dois componentes, dentro da comunidade humana “ocidental” — o feminino e a natureza — foram relegados às margens da História. Tudo o que era feminino foi desprezado, visto como desimportante e, principalmente, como carente de dominação. Por muito tempo, a humanidade entendeu o mundo como essencialmente masculino. O que gerou e gera lacunas imensas para a historiografia e para as comunidades atuais, as quais ainda, tentam equilibrar informações não apenas historiográficas.

Por fim, a autora coloca que este trabalho metodologicamente adere a uma análise do Hino Homérico nº 30, com a tradução de Leonardo Antunes, que pode ser encontrada no site NEOLYMPIKAI<sup>3</sup>. Nesta análise, prosseguir-se-á não apenas a descrição da natureza, mas também, como já estabelecido que não será possível desassociar uma coisa da outra, a análise de papéis de gênero atribuídos ao feminino na Antiguidade e que se seguem nos dias de hoje.

Antes, no entanto, serão trabalhadas as bases teóricas da análise. Ou seja, a História Ambiental e os arquétipos, conforme definidos por Carl Jung, e pensados como pontes para a construção as leituras culturais feitas sobre o mundo natural. Após, ainda com o aporte de Carl Jung, pensaremos elementos que a cultura introjetou na mentalidade humana, o que, de outra feita, faz com que os mitos antigos do mundo helênico ainda sejam relevantes dentro da sociedade “ocidentalizada”. Afinal, esta ainda se define como “herdeira da Grécia Antiga”. Onde tais elementos podem ser encontrados? Exatamente nos comportamentos e políticas ainda utilizadas de modo exclusivo e exploratório igualando o domínio do mundo natural ao domínio do femininos.

A partir daí, será analisado o Hino Homérico e, ao final, a autora fará uma discussão sobre a corrente ecofeminista e os padrões que hoje são encontrados no feminino atual e remetidos a deusa Gaia. Em outras palavras, os arquétipos e atribuições que ainda se repete.

---

<sup>3</sup> NEOLYMPIKAI; 07 de Julho de 2013; <http://neolympikai.blogspot.com/2013/07/hino-homerico-30-gaia-mae-de-tudo.html>; acesso em > 19/06/2023.

## 2 TEORIAS E METODOLOGIAS

A antropóloga e arqueóloga Dayanne Seger comenta do modo como “boa parte do mundo se considera e é considerada herdeira da cultura, filosofia e ideias de democracia da Atenas clássica” (Seger, 2015, p.25)<sup>4</sup>. Apesar deste sentimento, que é muito embasado pelo eurocentrismo, demonstrar ser real; não há maiores reflexões sobre o que essas afirmações querem dizer por parte das pessoas não-acadêmicas em geral, muito menos se são verdadeiras ou não. No entanto, não há como negar que essas afirmações são ouvidas.

Ao pensar a cultura helênica antiga incorporada à atualidade através destas construções idealizadas, há a significação de diversos aspectos. Seger, por exemplo, coloca que estas ações são “um recurso fundamental para a análise do momento atual acerca da condição feminina” (Seger, 2015). Ainda alerta para o fato que a grande maioria das fontes foram produzidas por homens o que reflete a visão deles sobre a mulher. E deixa claro que “estudos antropológicos das sociedades mediterrâneas modernas mostram que os padrões de divisão de papéis entre o masculino e feminino na Atenas clássica são típicos das sociedades tradicionais do Mediterrâneo [...]” (Seger, 2015, p. 28). Ou seja, compreender o entendimento do feminino no local indicado, indica fazer o mesmo para outras localidades. Em corroboração, Renato Nogueira, em seu livro *Mulheres e Deusas*, de 2017, no qual analisa aspectos da vivência feminina atual e também recorrentes em personagens femininas helênicas antigas (não apenas da mitologia grega, mas em diversas outras), declara que:

Nós, homens e mulheres do mundo contemporâneo, herdamos da Grécia antiga uma estrutura de organização social regida pelo poder patriarcal. Não é uma questão do indivíduo, mas de uma estrutura social e cultural fundamentada em valores comuns e nascida das cidades-estado gregas. (Nogueira, 2017, n.p)

Como já comentado, os estudos de gênero têm aumentado, principalmente no início deste século. Investigações sobre mulheres em locais historicamente ligados a homens e campos como a história das mulheres, história do feminismo e o próprio Ecofeminismo ocupam cada vez mais espaço nas universidades e institutos de pesquisa. Seger disserta sobre este *gender mainstreaming* (Seger, 2015, p. 24), abrindo a discussão para o pensamento crítico e histórico dentro desses estudos. Salienta que essas reflexões, muitas vezes, não ocorrem. Assim, levam a trabalhos que apenas descrevem as desigualdades, ou pior, em que

---

<sup>4</sup> O artigo de Dayanne Seger visa pensar na imagem criada por autores masculinos da antiguidade grega em contrapartida à realidade das mulheres atenienses apresentadas tanto pela iconografia, quanto em textos, objetivando apontar déficits na atual visão acadêmica a respeito das mulheres na antiguidade.

os temas e pautas do feminino se tornam apenas um cenário. Declara ainda que, para que tais situações não ocorram, é necessário “promover o diálogo entre o passado e as sociedades do presente” (Seger, 2015, p.24).

A questão sobre “o que é o feminino?” resiste há milênios, pois, na maior parte das vezes, é formulada por sociedades androcentradas. Delas herdamos conceitos que viam no feminino um “homem-inacabado”; o “Outro” que não é o homem ou uma parte do homem (Laqueur, 2001). Não coincidentemente, é um conceito que está sendo construído, elaborado, reestabelecido a cada dia e a cada nova demanda. Ainda assim, as teorias de Judith Butler, associadas aos estudos de Jung sobre os arquétipos coletivos, mais estritamente, sobre o arquétipo da *anima*, contribuem para estruturar o que chamaremos de feminino, mulher e deusa. Apesar disso, noções do espectro do “gênero feminino”, necessitam de uma discussão anterior: “afinal, o que é **gênero**?”

Associado pelo senso comum ao sexo biológico da pessoa, o **gênero** seria a designação comportamental do indivíduo de acordo com as definições do seus órgãos reprodutores. Esta significação, ainda utilizada por certas partes da sociedade, já tem sido refutada, questionada e dissecada. Para os fins necessários, Butler faz um conceito muito mais consistente nas teses sobre sexo, gênero e cultura, ao declarar que, “concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído”. (Butler, 1990, p.25). Essa distinção presume gênero como não sendo algo natural, mas sim culturalmente percebido como intrínseco ao corpo ao qual é relacionado, atribuindo a ele funções, necessidades e, principalmente, papéis a serem desempenhados no meio social. Assim, os aspectos biológicos dentro deste trabalho se estruturam na mentalidade dos seres humanos em compreender a natureza, e por isso não será amplamente abordada uma análise da natureza da antiga Hélade.

Por conta da proposta desse trabalho, utilizar-se-á do conceito de *inconsciente coletivo* e suas interpretações. Sobre isso, Carl Jung estabeleceu que:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos *inconsciente pessoal*. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos *inconsciente coletivo*. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis', os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada

indivíduo (Jung, 1976,p.15)

Dentro deste Inconsciente Coletivo, estão os arquétipos. Os arquétipos seriam as informações encontradas e alocadas neste local da mente. O arquétipo (informação/ões) da *anima* é utilizado por Jung em suas teses sobre o inconsciente coletivo. Esta persona estaria relacionada à parte inconsciente e não racional da alma e da consciência do ser humano masculino. O autor também comenta que o arquétipo da *anima* estaria relacionado a uma materialidade diferente do que o ser masculino tem, ao dizer:

Embora pareça que a totalidade da vida anímica inconsciente pertence à anima, esta é apenas um arquétipo entre muitos. Por isso, ela não é a única característica do inconsciente,mas um de seus aspectos. Isto é mostrado por sua feminilidade. O que não é eu, isto é,masculino, é provavelmente feminino; como o não-eu é sentido como não pertencente aoeu, e por isso está fora do eu, a imagem da anima é geralmente projetada em mulheres. (Jung, 1976, p.37)

Pode-se, então, relacionar que esse “outro”, ao ser reconhecido por de fora da mente, em sua realidade, é ligado ao ser feminino e a natureza. No entanto, concordando com Nancy Unger, em seu artigo *Women and Gender: Useful Categories of Analysis in Environmental History* (2014), quando esta comenta que "eles argumentam que a mulher e a natureza estão mutuamente associadas e desvalorizadas na cultura ocidental. Por causa dessa tradição de opressão, argumentam, as mulheres são excepcionalmente qualificadas para entender e se solidarizar com a situação da Terra [...]. (Unger, 2014, p.25, tradução nossa)<sup>5</sup>. Ressalta-se que as mulheres teriam essa maior ligação com a natureza não por falta ou dádiva de qualquer prerrogativa ou órgão, mas por ambas terem sido culturalmente construídas como o “outro” e não como o “ser” e o “sujeito” das relações sociais.

Seguindo dentro da proposta deste trabalho será utilizada a análise de um Hino Homérico. No entanto, para isso, antes é necessário entender o que é um Hino Homérico e sua relação com os mitos.

O que a comunidade acadêmica estabelece como “questão Homérica” se refere à dificuldade do apontamento desse sujeito (quem foi, quando viveu, o que exatamente ele teria feito, etc). Sendo assim, é necessário pontuar que os Hinos Homéricos são obras líricas, escritas ao longo de diversos séculos e atribuídas tradicionalmente à Homero.

O último dos três pilares da pesquisa, o campo da História Ambiental se interliga não

---

<sup>5</sup> Original: “(...) they argue that women and nature are mutually associated and devalued in Western culture. Because of this tradition of oppression, they argue, women are uniquely qualified to understand and empathize with the earth’s plight [...]. (Unger, 2014, p.25).

somente com o fato de se falar de uma divindade da natureza, mas também sendo a base principal de muitas das questões postas por este trabalho.

Para Donald Worster, “[...] a história ambiental deve incluir no seu programa o estudo de aspectos de estética e ética, mito e folclore, literatura e paisagismo, ciência e religião deve ir a toda parte e onde a mente humana esteve às voltas com o significado da natureza.” (Worster, 1991, p. 210). E, para os historiadores ambientais, o pesquisador finaliza lembrando que “devemos presumir que toda cultura contém um leque de percepções e valores variados, e que jamais houve uma cultura que realmente quisesse viver em harmonia total com o seu ambiente” (Worster, 1991, p. 211).

Nestas análises, é fácil assumir uma orientação política única e se colocar como “agente da verdade”, em especial, ao se falar sobre a ética e moral. Assim, romantizar e simplificar a História Ambiental — por parecer ser um campo em que as ideias serão bem aceitas, pois estas seriam “ética e moralmente corretas” — retira do campo um rico fator: a diversidade com que se trata, enxerga e manipula a natureza ao longo dos tempos, assim como a mudança nas “respostas” do mundo natural.

Mesmo assim, Willian Cronon, professor e pesquisador da Universidade de Wisconsin-Madison nos campos de história, geografia e meio ambiente, em seu artigo *Modes of Prophecy and Production: Placing Nature in History* (1990), adverte “muitas vezes romantizamos a natureza (e as sociedades “tradicionais”) como imutáveis, quando nem os ecologistas nem os antropólogos nos permitirão mais tal descrição.” (Cronon, 1990, p. 1127, tradução nossa)<sup>6</sup>. Ou seja, ainda é necessário quebrar estereótipos e preconceitos estabelecidos, mesmo que já rebatidos, já que o campo da História Ambiental é considerado relativamente novo dentro da historiografia.

José Augusto Pádua, em *As bases teóricas da História Ambiental* (2010), faz considerações sobre o campo e, principalmente, seus guias teórico-metodológicos. Para o pesquisador, as relações ambientais podem ser encontradas em todos os períodos históricos, sendo mutáveis pelos “padrões culturais” dentro deste relacionamento. Tais padrões, por sua vez, também se alteram, e em diversas épocas, são remetidos à significados diferentes. Outro ponto de análise que é necessário desprender uma atenção maior, é o denominado “preconceito geográfocultural”. O estabelecimento das ideias de uma determinada região, cultura e comportamento envolvendo uma comunidade que o historiador não faz parte, pode levar à tais

---

<sup>6</sup> Original: “(...) too often we romanticize nature (and “traditional” societies) as unchanging, when neither ecologists nor anthropologists will permit us such a description any longer” (Cronon, 1990, p. 1127).

tipos de compreensões.

Como já exposto, a História Ambiental advém da década de 1970. Nesta época, não apenas as comunidades acadêmicas historiográficas, mas também de diversas outras áreas abriram suas portas para pesquisas sobre maiores compreensões do mundo à sua volta. Tal ocorrência se deu devido às reivindicações dos movimentos em prol do meio ambiente, da natureza e daqueles que socialmente eram remetidos à ela. Ainda, com o pós-Segunda Guerra Mundial e bombas atômicas, que levantaram questionamentos da manipulação do natural pelo ser humano, Pádua sintetiza os resultados destas mobilizações quando coloca que

Os saberes acadêmicos foram desafiados e estimulados por tal movimento. Não é por acaso que nas últimas décadas organizaram-se iniciativas de ensino e pesquisa em economia ecológica, direito ambiental, engenharia ambiental, sociologia ambiental etc. Estabeleceu-se um movimento de mão dupla, em que as produções científicas influenciaram e foram influenciadas pelas ações públicas. (Pádua, 2010, p.82)

Pádua destaca que os problemas e interlocuções da humanidade ocidental para com a natureza não advém da “revolução urbano-industrial” dos séculos XIX e XX, ou como antes pensado, da Revolução Industrial do século XVIII. Mas sim (em concordância com Worster e Cronon), por toda a parte da história, com diversos modos de dominação sobre o natural sendo perceptíveis em locais de um extremo ao outro do planeta e do tempo, o fazendo então declarar que:

A modernidade da questão ambiental – da ideia de que a relação com o ambiente natural coloca um problema radical e inescapável para a continuidade da vida humana – deve ser entendida em sentido amplo. Ela não está relacionada apenas com as consequências da grande transformação urbano-industrial que ganhou uma escala sem precedentes a partir dos séculos XIX e XX, mas também com uma série de outros processos macro-históricos que lhe são anteriores e que com ela se relacionam [...] (Pádua, 2010, p. 83).

Ao fim, é necessário expressar que, ao se tratar de História Ambiental é comum que os leitores remetam à apenas o trato com a flora. Sem contar com a fauna, o capitalismo, a urbanização e as mentalidades e entendimentos dos seres humanos sobre o meio ambiente. As ramificações do campo serão mais amplamente debatidas no decorrer do trabalho, mas, como aponta Pádua acerca das interdisciplinariedades e suas contribuições para a História Ambiental.

Não se trata, portanto, de reduzir a análise histórica ao biofísico, como se esse aspecto fosse capaz de explicar todos os outros, mas de incorporá-lo de maneira forte – junto com outras dimensões econômicas, culturais, sociais e políticas – na busca por uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva de investigação histórica (Pádua, 2010, p. 94).

Nas pesquisas para estruturar este trabalho, notou-se uma peculiaridade sobre os estudos dos arquétipos e das deusas da mitologia helênica antiga. Há, sim, diversos livros e discursos sobre a representação das deusas e, certamente, não se pretende esgotá-los nesse trabalho. De acordo com nossa proposta, optamos por algumas obras, como o já citado *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*, de Renato Nogueira (2017). Somamos a esse também a obra de Thassia Emídio: *Diálogos entre a feminilidade e a maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise* (2011). Ainda no campo da psicanálise, seguindo a senda de Jung, temos a obra de Jean Bolen: *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres* (1990); e a de Adam McLean: *A deusa tríplice: em busca do feminino arquétipo* (2020).

Mas, enfim, qual a peculiaridade encontrada nestas obras? Grande parte delas não chega a aprofundar sobre a divindade Gaia, e acaba se delimitando às deusas olímpicas (Afrodite, Atena, Hera, Héstia, Deméter — quando citam Kore/Perséfone e Ártemis). No caso de *A Deusa Tríplice* (McLean, 2020), embora encontremos mais comentários sobre Gaia, ela é posta como “a mãe natureza”, associada à fertilidade feminina mais do que qualquer coisa. Deméter, então, ficaria associada à parte da natureza que a humanidade manipula, devido à agricultura. Kore/Perséfone, relacionada aos frutos e flores. Onde se encaixaria Gaia, então? Justamente nessa ideia de “mãe natureza” que provê alimentos, alicerça o mundo como sua casa. E seria uma interpretação completamente plausível para este trabalho. Caso não houvesse uma outra divindade, não muito comentada, mas inicialmente ligada a Gaia: Cthônia. Giorgio Agamben; Matos em seu artigo intitulado *Gaia e Cthônia* (2021), discorre sobre as duas ao delimitar que “chthon é a face externa do mundo inferior, a terra da superfície para baixo, Ge é a terra da superfície para cima, a face que a terra volta para o céu” (Agamben, 2021, p.83). Assim, Gê, ou Gaia, seria a parte percebida aos olhos humanos, sendo ligada pela visão simplista da fertilidade da natureza.

Neste interím, se mostra imprescindível desenvolver estudos a fim de compreender a natureza dentro de seus aspectos culturais, envolvendo análises de entendimentos inconscientes do ser humano, pensando no que Seger coloca sobre o uso da mitologia e a atualidade. Advertindo ainda que a pesquisa pode ser replicada em outras comunidades, visando ter noções diversas sobre o tema. Podendo ser observado o entendimento do ser humano pela natureza em questões de poder e cultura, ou se pensar na inferioridade imposta à mulher e ao natural, por exemplo.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O HISTORIADOR E A HISTÓRIA AMBIENTAL

#### 3.1 O CAMPO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

O campo da História Ambiental envolve diferentes elementos em sua base de pesquisas como, por exemplo, as interpretações da humanidade sobre o mundo natural e suas influências na natureza que estrutura seu entorno. Também pode se debruçar sobre outras nuances como a geometria das plantas e seus princípios biológicos, conforme dissertado por Alfred Whitehead em sua *Teoria da Bifurcação da Natureza* (1861). Ou demonstrar como o conceito de natureza é diferente em comunidades diversas, como pensados pelos gregos nos trabalhos de Zoraida Feitosa (2023), Giorgio Agamben (2021) e a resenha de Marcelo Marques do trabalho de Gerard Naddaf (Marques, 2007). Ou ainda, elaborando a teoria e a metodologia do campo de estudos da História Ambiental, como José Augusto Pádua (2010) e José Augusto Drummond (1991;2003), e sobre o dever político atual do historiador ambiental, como posto por Ely Carvalho (2004) e Paulo Martinez e Marcelo Mahl (2021). Indo até concepções mais indiretas da fauna e flora e de outras áreas, como em a relação humano-natureza e os discursos ambientais, como de Zilda Mariano, Iraci Scopel, Dimas Peixinho e Marcos Barros (2011).

No Brasil, há grupos de pesquisa já consolidados, como o Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) da Universidade Federal de Santa Catarina, o Laboratório História e Natureza (LABHEN) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Laboratório de História e Meio Ambiente (LABHIMA) da Universidade Estadual Paulista, entre outros. O Brasil, por sua eco-diversidade, tem sido alvo de estudos de brasilianistas estrangeiros envolvendo a História Ambiental. Neste quesito, pode-se citar as obras de Warren Dean: *A Ferro e Fogo: A História e Devastação da Mata Atlântica Brasileira* (1997) e *A Luta Pela Borracha No Brasil*(1989). Além destes acima, é possível notar o aumento do número de teses e dissertações envolvendo desde urbanização, o desenvolvimento sustentável, a necessidade de visões menos individualista das comunidades, a atual crise ambiental, os desafios políticos do historiador dentro do campo, o modo que a natureza é entendida pelo ser humano, e ainda, as correntes filosóficas do Ecofeminismo.

Em *O Conceito de Natureza*, Whitehead aponta que “a natureza nada mais é do que a revelação da apreensão sensível [...] Nosso conhecimento da natureza é uma experiência da atividade (ou passagem). As coisas previamente observadas são entidades ativas, ou ‘eventos’.” (1994, p. 217). A “apreensão sensível” seria, então, o perceptível com o que os seres humanos teriam contato, seja ele “ao natural” (sem a transfiguração da sua imagem pelos seres humanos)

ou “transformado” (a natureza transfigurada, como o plástico, papel, pontas de flechas, etc). É a vivência dos seres humanos que delimita o seu conhecimento sobrenatureza. Assim, quando o autor denomina de “entidades ativas”, quer remeter aos saberes que, ao observar a natureza é possível relacionar e compreender até as minúcias daquele ecossistema, podendo ser modificado e ressignificado de acordo com a vivência daquele ser.

José Augusto de Pádua expõe a dualidade da situação dos seres humanos vs natureza. A utilização de um sobre o outro, de modo evidente ao longo da História desemboca, hoje, em problemas ambientais sem precedentes. Ainda atualmente, o compreender a natureza é um problema não apenas para expor a exploração do homem com o seu habitat, mas também a significação do espaço físico em que se encontra. O autor coloca então que:

De um lado, a ideia de natureza serve como uma espécie de eixo conceitual que dá sentido ao nosso entendimento do universo. Ela fundamenta a construção conceitual da experiência de que existe coerência ontológica no mundo em que vivemos. Por sua vez, a imagem de ser humano e de história humana se construiu em grande parte por oposição à natureza: arte versus natureza; ordem social versus natureza; técnica versus natureza; espírito versus natureza etc (Pádua, 2010, p. 87).

De acordo com Donald Worster (1991), a História Ambiental se encaminhou de modo que o “objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos afetados pelo seu ambiente natural e inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (Worster, 1991, p. 199). Levando ao entendimento de que o campo é mais do que o estudo da ligação entre os seres humanos e a natureza, mas abrange também os resultados da intersecção de ambos perpassados pela História.

Ainda, de acordo com Worster, a disciplina possui, basicamente, três níveis de desenvolvimento, sendo eles: a) O entendimento da natureza propriamente dita em aspectos biológicos, orgânicos e inorgânicos no passado; b) Análise do domínio sócio-econômico do ser humano sobre a natureza; c) A percepção do humano sobre a natureza, sendo esse um ramo “puramente mental ou intelectual”, que envolve a ética, moral, leis, mitologia e se norteia pelo diálogo dos seres humanos com a natureza. Por serem correntes de estudo distintas dentro do campo, cada uma delas abrange um conjunto de fontes diversificadas. Estas, embora tenham metodologias, teorias e produções próprias não precisam necessariamente ser separadas umas das outras, ou interpretadas unicamente utilizando uma forma única. O trabalho atual, à vista disso, irá se encontrar no último dos segmentos.

José Drummond, em *História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa* (1991), explana sobre o campo historiográfico. Neste artigo, Drummond estabelece limites geográfico-culturais como importantes marcadores para quaisquer pesquisas, principalmente quando o

autor se coloca para traçar “[...] algumas características metodológicas e analíticas da história ambiental. A primeira delas é que quase todas as análises focalizam uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural;” (1991, p. 181). O autor sinaliza que a iniciativa de fazer a História Ambiental, dentro das ciências sociais, coloca a natureza, não apenas como personagem de cenário exploratório, mas como explorador e agente dentro do meio. Pois, não somente nos dias atuais, mas desde sempre, a natureza esteve como co-autora da História humana. Drummond coloca que este campo da História “*trata-se de uma mudança séria de paradigma nas ciências sociais. Significa que o cientista social dá às ‘forças da natureza’ um estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura*” (1991, p. 181).

Por qual motivo certos povos originários da América do Sul construíam moradias a baixo do solo? Devido ao ecossistema local. Por qual motivo povos desenvolveram para certas caças os utensílios como arcos e flechas, lanças e redes a fim de conseguir alimento? Devido ao ecossistema local. Por qual motivo os seres humanos de tal comunidade passaram a utilizar roupas de pelagens e a matar certos animais em um período? É provável crer que o ecossistema em que se inseriam estava passando por tempos de frio. A utilização da natureza antes da globalização era completamente diferente, não deixando de ser menos importante de ser estudada, por menos problemática que fosse. Seguindo esse raciocínio, Drummond pontua que a historiografia ambiental tem como diferença maior de outras propostas a sua originalidade, já que se encontra “na sua disposição explícita de ‘colocar a sociedade na natureza’ e no equilíbrio com que busca a interação, a influência mútua entre sociedade e natureza” (Drummond, 1991, p. 185).

Verena Winiwarter, em *Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos* (2010), afirma que para os estudos do campo é necessário tentar compreender as visões do passado sobre o meio ambiente, o comportamento e os outros fatores que envolveram os seres humanos, como a cultura por exemplo. Apesar, de fazer um apelo para que não se estabeleça uma razão/circunstância entre cultura/exploração. Essa metodologia pode vir pelas fontes ligados aos métodos hermenêuticos, contanto que não haja intenção de julgar as ações, mas de analisá-las e compreendê-las (Winiwarter, 2010).

Apesar de se poder utilizar as fontes históricas habituais, a autora estabelece que é ainda, não apenas necessário, mas também, notório, que o historiador que se proponha a estudar a história da natureza se utilize de fontes de outras disciplinas tanto de forma atual, quanto de olhares mais antigos. A saber: biologia, química, geografia, pedagogia e direito, entre outras disciplinas. Ainda, em consequente, o contexto da História Ambiental é maior que a falácia da diacronia dos seres humanos/natureza. Sobre este aspecto do campo, Pádua relembra que “a

história ambiental emergente no final do século XX, no entanto, é bem mais complexa do que um inventário diacrônico dos males infringidos pelos seres humanos ao planeta. Ela incorpora outras transformações teóricas que merecem ser discutidas [...].” (Pádua, 2010, p. 86).

A prova disso é a sua essência ser baseada em multidisciplinaridades nas pesquisas. A utilização de recursos como fotografias, reportagens, processos, livros infantis — ligados principalmente à idade de formação do caráter — assim como histórias de ficção, de não- ficção e outras produções literárias, são métodos que perpassam e expandem as possibilidades de pesquisa para além dos séculos e das obras acadêmicas. O trabalho do historiador ambiental, então, é contínuo para além da sua profissão, incluindo-se, mas não invadindo, no espaço de outros nichos. O ofício deverá, então, não se limitar ao universo da História e da historiografia.

Atualmente, estes “pesquisadores do natural” — que, na verdade, não é natural, pois há uma óbvia desordem nessa relação — tentam não se limitar à dualidade. Acredita-se que as amarras que ainda fazem os historiadores tenderem à dicotomia de humano/cultura e natureza, seja pela facilidade que parece remeter a eles a utilização da figura humana, já que esta é de uso da classe. No entanto, após olhares mais aprofundados, é possível notar que os múltiplos usos da história ambiental ligados à cultura, estão inerentes à interpretações do campo, querendo o historiador, ou não. Já que, ao contrário da economia, política, filosofia e estudos sociais, questões culturais podem se enquadrar nas abordagens da visão biofísica da História Ambiental, determinada por Worster. Principalmente ao se pensar que, mesmo as pesquisas biológicas da História Ambiental, há o aspecto humano do historiador. E, compreender as complexidades da cultura, é uma das principais reivindicações para que não se torne um objeto obsoleto, e do mesmo modo, para ser utilizada de melhores formas. Pádua afirma ainda a necessidade desta diversidade quando coloca que:

A experiência de muitos historiadores que hoje trabalham com a dimensão ambiental, compartilhada por antropólogos, economistas e demais cientistas sociais que adotam o mesmo enfoque, é justamente a da necessidade de buscar formas menos dualistas de estudo das relações entre cultura e natureza [...] (Pádua, 2010, p. 92).

Ainda, é imprescindível apontar que, ao falar na dualidade ser humano x natureza, estamos referindo à ideia de humano/cultura x natureza. A cultura é um dos recursos principais utilizados na intersecção com a natureza em duas das três vertentes apontadas por Worster (1991). Neste trabalho, a cultura, como dado geral, será analisada atrelada à psicologia e à mitologia, conforme apontado na proposta inicial.

A cultura pode ser compreendida de diferentes modos, assim sendo, percebê-la por um

único viés para grande parte dos assuntos de interesse do campo da História Ambiental, apesar de ainda ocorrer, é uma falácia do meio. É a cultura que determina visões de diversos aspectos da realidade na qual se estabelece e, para que seja fixada, é comum que os seres humanos se utilizem da História e de narrativas para internalizá-la. Dentro dessa lógica, estudar apenas o que se coloca como cultural, e não pensar no biofísico como parte desta cultura ainda se estará fazendo muito pouco.<sup>7</sup> Pádua estabelece isso ao dizer que:

A literatura teórica em história ambiental vem chamando atenção para a necessidade de, ao enfatizar a relevância do mundo biofísico, não cair na falácia de considerar que este se apresenta de forma direta, positiva e imediata à percepção humana. O ser humano age sempre a partir de sentidos e compreensões, estando imerso na linguagem, nos mecanismos de cognição e na presença de visões culturais historicamente construídas (Pádua, 2010, p. 93).

Mesmo assim, Pádua coloca soluções para o problema. Ao dissertar sobre ele aponta que “em primeiro lugar, os humanos não constroem seu mundo apenas por meio do pensamento, mas também por meio do corpo e do conjunto do organismo” (Pádua, 2010, p. 93). Ou seja, como colocado anteriormente, o entendimento dos seres humanos é maior que o cultural, também sendo estabelecido por outros meios, como a sua experiência individual. O autor continua argumentando que, apesar de muito provavelmente não com a mesma complexibilidade, o entendimento de mundo está presente em todos os seres vivos, não apenas nos seres humanos.

Todos esses seres constroem o seu mundo a partir da experiência, envolvendo organismo e percepção, mesmo que o domínio da linguagem e da cultura, com a amplitude e as características sintéticas observadas no ser humano, não esteja presente (Pádua, 2010, p. 93).

Por fim, Pádua não demoniza a utilização da cultura dentro da pesquisa. Mas sim, alerta o quão fácil é de se cair na dualidade da proposta. Continua, ainda, alertando contra às visões “rígidas” de uma cultura, o que faria com que a pesquisa fosse comprometida, já que o(a) autor(a) do trabalho discredibilizaria seu estudo por não se mostrar atento ao encontrado ali. Sobre isso, Pádua afirma que:

Hoje é possível observar uma mudança nesse quadro. As relações destrutivas e/ou construtivas devem aparecer no próprio andamento da análise, sem leituras preconcebidas ou estereotipadas. Outro ponto central se refere ao problema das influências e determinações causais. As visões fechadas e reducionistas não mais se sustentam. Dizer que a natureza sempre determina a vida social, ou vice-versa, não nos leva muito longe. O importante é permanecer atento e aberto em cada situação de pesquisa. Em certas situações os fatores biofísicos são decisivos. Em outras a tecnologia ou as visões de mundo podem ser decisivas. [...] No sentido mais profundo,

---

<sup>7</sup> Por esse motivo a escolha da figura da divindade Gaia, como irá se ver mais adiante, mas também já comentado, esta entidade é ligada à *natureza primária*, à natureza que os seres humanos veem e tocam.

o desafio analítico é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo (Pádua, 2010, p. 97).

Zilda Mariano, Iraci Scopel, Dimas Peixinho e Marcos Souza, em *A Relação Homem-Natureza e os Discursos Ambientais* (2011), comentam como as ditas “catástrofes” são uma reação da natureza não por aleatoriedades, mas devido à ações exploratórias dos seres humanos. Ações essas que desequilibram a relação e colocariam os seres humanos em uma posição de excessivo domínio sobre a natureza. O entendimento conflituoso entre o progresso/poder/dominação, amparados pela necessidade compulsória do desenvolvimento econômico, levariam a reações da natureza que têm a finalidade de alinhar novamente os poderes. Discorrendo sobre isso, os autores argumentam que:

Essa decomposição da natureza é o reflexo da superioridade imposta pela sociedade. O excessivo domínio do homem sobre o natural por meio do progresso, resultando na dicotomia homem-natureza. Hoje, a sociedade vigente questiona essa ação, pois foi imposto um ritmo acelerado em nome do desenvolvimento econômico, desconsiderando que as partes formam o todo e quando uma parte não é considerada pode ocasionar mudanças, as quais foram denominadas por muito tempo como catástrofes, sendo muitas vezes resultantes das ações humanas (Mariano, Z. Scopel, I. Peixinho, D. Souza, M. 2011, p.161).

Para finalizar as discussões sobre a História Ambiental, Willian Cronon alerta sobre outra tendência dentro do campo: o holismo. De acordo com Cronon, essa visão analítica tende a levar o historiador para dois pontos: a) uma “compreensão integrada” das relações dos seres humanos com outros organismos, a partir de uma visão macro e “inteira”; b) A visão micro fica, então, em demérito. Já que, devido à essa visão macro e inteiriça, não “haveria espaço” para os olhares sobre as diversidade de pensamentos e de comunidades. E, desse modo, “ela pode nos enviesar para modelos funcionalistas de comunidade social e ecológica, em que todos os membros de uma sociedade ou ecossistema concordam com seus fins e são igualmente responsáveis por suas atividades” (Cronon, 1990, p. 1128, tradução nossa)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Original: “Two additional problems with ecological modes of production point to further difficulties for environmental history as a field. One is holism, which is a common tendency of many disciplines that study the environment. On the one hand, holistic analysis has the great attraction of encouraging historians to see nature and humanity whole, to trace the manifold connections among people and other organisms until finally an integrated understanding of their relations emerges. On the other hand, holism discourages us from looking as much as we should at conflict and difference within groups of people. It can bias us toward functionalist models of social and ecological community, in which all members of a society or ecosystem agree on its ends and are equally responsible for its activities.” (Cronon, 1990, p 1128).

### 3.2 O TRABALHO POLÍTICO DO HISTORIADOR AMBIENTAL

O trabalho político do historiador ambiental, atualmente, não pode ser feito às cegas. A História Ambiental, poderia se dizer, é um dos campos que mais se alinha com discussões atuais. A crise climática, o aquecimento global, desmatamentos e apropriações de terras dos povos originários têm, cada vez mais, aparecido tanto em formas de reportagens quanto em consequências diárias na vida do planeta. São acontecimentos que refletem o descaso político-social não apenas dos aparelhos de Estado, mas também dos interesses individualistas, imediatistas e exploratórios de grandes empresas privadas. “O historiador ambiental tem o desafio político de produzir um conhecimento, não apenas sobre os seres humanos, que sirva para situá-los em seus processos de transformação, e, além disso, estar engajado em um processo de transformação de nossa memória social (Carvalho, 2004, p. 17). Para Ely Carvalho, o papel do historiador ambiental é maior e necessariamente quebrador de expectativas. É, assim, tão imprescindível pesquisar o conhecimento sócio-ambiental atual, quanto se debruçar a entender biológica e fisicamente a natureza. Antes, Cronon já havia alertado que a visão que a sociedade teria do historiador ambiental poderia ser um problema que viria a ser recorrente dentro do campo, por se tratar de uma pauta que poderia encaminhar para o afrontamento da ética e a validade do pesquisador. Ele comenta que: “Estimulam, assim, o viés contra a integração da ideologia com a economia política e o meio ambiente, que tem sido um problema contínuo para a história ambiental”<sup>9</sup> (Cronon, 1990, p. 1124, tradução nossa).

Por conseguinte, Alisson Duarte discorre sobre o preconceito encontrado em trabalhos envolvendo o que ele denomina como complexibilidade biosférica. Assim, ainda se teriam, por parte da sociedade, banalizações sobre os assuntos.

Discorrer sobre fenômenos isolados da natureza, especialmente no campo da biologia, química e física, é visivelmente válido no discurso racionalista e positivista, no entanto, quando se trata de estudos voltados para a compreensão da natureza enquanto totalidade e especialmente em relação ao homem enquanto microecologia indivisível da complexidade biosférica e do próprio universo, os pesquisadores tendem a encontrar preconceitos que os taxam de metafóricos, religiosos ou místicos. (Duarte, 2018, p. 313).

Pensar na natureza como um ser indissolúvel da experiência humana não estaria, então, “dentro de conversas racionais”, mas sim em trabalhos com a interpretação de natureza como um ser totalizante por si, ativo em suas ações e cuja compreensão não se restringiria unicamente ao meio racional, mas, em paralelo, poderia se personificar através da mentalidade

---

<sup>9</sup> Original: They thus encourage the bias against integrating ideology with political economy and environment that has been a continuing problem for environmental history. (Cronon, 1990, p. 1124).

humana e suas invenções. Em vista desta dualidade, a História Ambiental está em constante desenvolvimento, recriação e quebra de preconceitos, ainda pelo recente aumento das pesquisas da área. E, apesar de ter variadas metodologias sendo utilizadas para que não se caia em falácias de interpretações não científicas, Cronon, em 1990, já colocava a importância de se estipular/criar/pensar em modos de encontrar o que ele denominou de “ligações críticas”:

Mais útil, acredito, seria um kit de ferramentas de abordagens analíticas que nos ajudaria a localizar em uma dada situação histórica as ligações críticas entre as pessoas e os ecossistemas que habitam. [...] Tendo identificado o mais importante deles para o assunto que estamos estudando, poderíamos então buscar uma compreensão mais profunda e precisa da mudança cultural e ecológica (Cronon, 1990, p. 1126, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Ou seja, saber encontrar os pontos que abrem paralelos entre as perguntas do historiador e as respostas da História (assim como em outros ramos) é uma questão de manejo com o caminho e as fontes necessárias, ainda em construção na História Ambiental.

Quando Worster comenta sobre os abusos sócio-ambientais contemporâneos, também disserta como as ideias antigas parecem ainda estar em presente manifestação dentro das sociedades. Assim, autor alerta para as teorias ambiciosas que certos pesquisadores fazem.

Eles se impressionaram tanto com o poder duradouro e universal das ideias que por vezes atribuíram a culpa de abusos ambientais contemporâneos a atitudes que datam de muito tempo atrás: ao livro do Gênesis e ao antigo *ethos* hebraico de afirmar o domínio sobre a terra; à determinação greco-romana de controlar o ambiente através da razão; ou ao impulso ainda mais arcaico dos patriarcas de controlar a (o princípio "feminino") juntamente com as mulheres. É extremamente difícil traçar empiricamente os efeitos reais de tais *idéias*, no passado ou no presente, mas isso não impediu os pesquisadores de fazer algumas afirmações ambiciosas. (Worster, 1991, p. 210).

Apesar de esse excerto parecer contraditório com a atual pesquisa, ainda sim, é necessário apontar que sim, é uma visão ambiciosa, necessitada de cuidado, e ainda, de estabelecimentos limitantes. A ligação da Natureza com mitologias e ideias de “muito tempo atrás”, não por acaso tem aparecido em diversas pesquisas. Em meio ao grande percurso desde a antiguidade até os dias de hoje, não é possível negar que certas conjecturas continuam a estar presentes nas sociedades, seja pela cultura, pela necessidade biológica ou geográfica. E, mesmo se renovando, reinventando e aprimorando, é possível se relacionar uma coisa com

---

<sup>10</sup> Original: “More useful, I believe, would be a tool kit of analytical approaches that would help us locate in a given historical situation the critical linkages between people and the ecosystems they inhabit. Rather than start with the system as a whole, as mode of production would have us do, we should start (like modern ecologists) with relationships. Having identified the most important of these for the subject we are studying, we could then seek a deeper and more precise understanding of cultural and ecological change.” (Cronon, 1990, p. 1126).

a outra. A dominação da natureza e do feminino pelos homens, são trazidos por este trabalho. O Ecofeminismo tráz esta questão à tona sem ambicionar respostas sobre-humanas. A análise de fatos, apenas por estes não serem físicos e biologicamente ligados à natureza, não desmerece uma pesquisa de cunho histórico ambiental, como já citado a cima.

O Ecofeminismo, movimento teórico-filosófico, abre-se a partir do leque de interpretações das ligações entre as mulheres e a natureza, principalmente se levando em consideração o patriarcado e o desmatamento. Winivarter acrescenta que a ligação mais forte entre natureza e dominação masculina tem sido feita pela ecologia feminista. Historiadores ambientais, ao estudarem questões sobre equidade ambiental, acabam por trabalhar com esse paradigma, assim como aqueles que abordam as questões sobre gênero e meio ambiente (Winivarter, 2010, p. 8). Pesquisas sobre como os desastres naturais afetam mais mulheres, por estas estarem em maior número alocadas em regiões de risco, por exemplo. Ou ainda, Vandana Shiva, filósofa e pesquisadora da área, que conta como começou seus estudos aose deparar com a ideia de uma onda de protestos de mulheres camponesas contra o desmatamento das áreas que elas habitavam.<sup>11</sup> Para o Ecofeminismo, a libertação do patriarcado levaria à todos os tipos de libertação, não podendo existir uma sem a outra.

\*\*

Atualmente, está circulando entre historiadores ambientais a proposta de utilizar uma recém elaborada nomenclatura para a situação climática do planeta, proposta por Andreas Malm e Jason Moore. Nessa “nova era geológica”, denominada de “Capitaloceno”, também conhecida por “Antropoceno” (HARAWAY, 2016) a Terra se caracterizaria principalmente por sofrer tantas influências dos seres humanos e do seu estilo de vida compulsivamente exploratório, que essa seria a principal característica e agência dentro do planeta. Nesse sentido, os seres humanos compreenderem sua participação ativa dentro da realidade natural da Terra se coloca ao encontro do que Mariano, Scopel, Peixinho e Souza afirmam sobre o discurso do progresso, estabelecido desde a Revolução Industrial.

O discurso do progresso, desde a Revolução Industrial, foi apresentado como sinônimo de prosperidade e de bem-estar aos homens que, no entanto, nos dias atuais, a sociedade toma consciência da sua participação na destruição dos recursos naturais e o aumento dos riscos globais, comprometendo a vida no planeta Terra. (Mariano, Z. Scopel, I. Peixinho, D. Souza, M. 2011, p. 162).

As pautas ambientais vêm se instalado dentro de reivindicações políticas. Através de

---

<sup>11</sup> BELA, Canal da. Bela Gil & Vandana Shiva – Ecofeminismo. YouTube, 06/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fW7sesxIj-g&list=PLp3fF3jhMQV61C-FtTw5NCxLkxXUIEyw>. Acesso em: 31/10/2023.

movimentos sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs) e atitudes da ONU. O olhar de atenção para com a natureza têm se estabelecido numa crítica à “tradição” do discurso de progresso (mesmo que com enorme resitência dos seres econômicos baseados na exploração predatória) e se coloca, agora, especialmente atrelada à compreensão de que dessa atenção ao planeta depende a sobrevivência da espécie humana. Esse “novo olhar” para o mundo natural não está apenas no medo do aquecimento global ou do colapso climático, mas aparecetambém em pautas como o veganismo, o vegetarianismo, o combate aos agrotóxicos, o próprio Ecofeminismo (como entendimento da realidade), a necessidade de usos inteligentes da natureza e a busca por energias renováveis. São todos temas cada dia mais presentes nos meios de comunicação de massa. O que torna o diálogo com a História Ambiental imprescindível. Por fim, não se pode deixar de comentar sobre a *Teoria Gaia*, de James Lovelock (1919-2022 edição/1987) Contudo, essa teoria, não coaduna com o trabalho hora desenvolvido. Sinteticamente, podemos resumí-la na compreensão da biosfera como uma entidade viva, unificada e autossuficiente. Um ser único, cujas diferenciações aparecem como forma de prolongar a propria existência. Apesar do nome Gaia, o autor não está se referindo à divindade Gaia, ele apenas usa o nome com base na figura helênica sobre a qual este trabalho se debruça.

Portanto, a administração da influência política no trabalho do historiador ambiental, assim como dos historiadores em geral, se pauta principalmente na tentativa ética de compreensão de outras realidades. No entanto, em casos como estes, que o tema tem grande ressonância atual, alguns cuidados são necessariamente redobrados para melhores embasamentos. Ainda, o alinhamento com outras pautas sociais, como o feminismo, tornam a relevância dos tópicos ambientais e sua compreensão histórica cada vez mais irrefutáveis.

## 4 O SER HUMANO E SEUS ENTENDIMENTOS SOBRE A NATUREZA

### 4.1 IDEIAS E VISÕES DA ANTIGA HÉLADE SOBRE A NATUREZA

Antes de continuar, é necessário compreender o modo em que os helênicos da antiguidade compreendiam Gaia e a natureza. Jean Shinoda Bolen (1990), traz a tona um resumo do início da cosmologia grega. Dissertando, então, sobre o Caos, Géia/Gaia, Urano e Crono, ela cita Hesíodo ao dizer que:

No começo, de acordo com Hesíodo, havia o Caos, o ponto inicial. Depois veio Géia (Terra), o escuro Tártaro (as ínfimas profundezas da Terra), e Eros (o amor). Géia deu à luz um filho, Urano, que também era conhecido como Céu. Depois ela uniu-se a Urano para criar, entre outros, os doze Titãs. Na genealogia dos deuses de Hesíodoos Titãs eram uma antiga dinastia predominante, os pais e avós dos deuses olímpicos. Urano, o primeiro patriarca ou figura de pai na mitologia grega, ficou depois ressentido com os filhos que teve com Géia. Então ele os entregou de volta ao seio materno logo que eles nasceram. Isso causou grande dor e ansiedade em Géia. Ela apelou a seus filhos Titãs para que a ajudassem. Todos tiveram medo de interferir, exceto o mais jovem, Crono, chamado Saturno pelos romanos. Ele correspondeu a seu pedido de ajuda. Armado com a foicinha que ela lhe dera o um plano que ele tramou, ficou à espera do pai. Quando Urano veio para unir-se com Géia, deitando-se sobre ela, Crono pegou a foicinha, cortou os órgãos genitais de seu pai e os atirou ao mar. Então Crono tornou-se o deus mais poderoso do sexo masculino. (Bolen, 1984, n.p).

Zoraida Feitosa (2021), exprime a visão dos helênicos envolvendo a natureza, determinando que o estabelecimento de divindades representaria o estabelecimento daquelas criaturas, figuras, eventos ou organismo. Assim, o existir mitologicamente, depende do conhecido, pensado. Esses seres divinos que nomeiam e estabelecem a ordem física, social e justa das coisas, dos seres, enfim, de toda a *physis* (palestra)<sup>12</sup>. Sendo, deste modo, para o mundo antigo grego, a *physis* está numa relação íntima e direta com o sagrado (Feitosa, 2021, p. 213).

Com isso, esta palavra representaria a natureza física estando ligada ao divino; o sem explicação, mas existente. A *physis* aqui, tem a mesma conceituação que para os filósofos, sendo essa palavra grega remetente ao que é nascido da terra; ou melhor, o brotar. Do mesmo modo, Pádua complementa para esta visão ao lembrar que

O conceito grego de Physis, depois traduzido para o latim como Natura, está ligado à imagem de nascer, surgir, manifestar.[...] Sua definição clássica, sintetizada por Aristóteles, é um exemplo de combinação entre simplicidade e poder conceitual, apesar de fundada em um forte dualismo. As coisas naturais seriam aquelas que existem por si mesmas, no sentido de possuir em si mesmas o princípio do seu movimento e repouso. (Pádua, 2010, p. 86)

---

<sup>12</sup> MURACHCO, Henrique Graciano. O conceito de physis em homero, heródoto e nos pré-Socráticos. Hypnos. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Murachco\\_HG\\_10\\_1020065\\_OConceitoDePhysisEmHomeroHerodotoENosPreSocraticos.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Murachco_HG_10_1020065_OConceitoDePhysisEmHomeroHerodotoENosPreSocraticos.pdf). Acesso em: 03 dez. 2023.

Sobre a relação do ser humano com a natureza, Feitosa enquadra que durante a época clássica grega, não é possível dizer que havia uma dominação. “O homem a contemplava, tentava entender os seus mistérios e os relacionava a uma concepção divina” (Feitosa, 2021, p. 211). Como mencionado na Introdução desta pesquisa, de acordo com Finley, “o mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. [...] e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política.” (Finley, 1985, p. 05). Portanto, se pensa que a relação dos seres humanos com a natureza, dentro dessa realidade, é ligada à lógica mitológica. Feitosa explica mais profundamente sobre a ideia de *physis* para os seres humanos quando resere-se a ela dentro do pensamento filosófico colocando que

Os primeiros filósofos entendiam a expressão *physis* ou *peri phuseos* não somente como algo relacionado à origem, mas a um processo e resultado, tanto ao que se refere à natureza quanto se referindo a qualquer coisa existente. Isso significa para eles uma concepção da natureza mergulhada em um dinamismo, pois teve sua origem, mas continua incessantemente a renovar-se. (Feitosa, 2021, p. 211)

Logo, a percepção de natureza era muito maior, ampla e diversa. Ao colocar que ela “continua incessantemente a renovar-se” exprime que, a compreensão do natural para os seres humanos se encontrava em contraste, em constante aprendizado. Entretanto, essa visão com o outro, apesar de menos destrutiva, não deixava de ser complexa; o entendimento para com o outro não deixava de vir carregado de auto-percepções.

Bolen coloca que Géia/Gaia seria a representação da Terra. No entanto, Terra para os antigos helênicos é maior do que a concepção atual de Terra, havendo ramificações dentro do seu conceito. Simploriamente, se pode remeter a Terra à algumas figuras, a saber: Gaia, Réia, Deméter, Perséfone/Koré, por vezes, Héstia. Para este trabalho, se foi optado Gaia, pelas finalidades já listadas. Não obstante, há uma figura mitológica, pouco conhecida e não comentada nas outras obras citadas neste trabalho: Chthon, ou Ctônia, a terra inferior. Andityas Matos, ao traduzir e resumir o artigo de Giorgio Agamben, desvenda essa divindade quando elucidar que

“Chthon, a terra inferior, é então algo abissal que não pode se mostrar em sua nudez e a veste com a qual o deus a recobre não é outra coisa que Gaia, a terra superior. [...] A terra é uma realidade dupla: Ctônia é o fundo informe e escondido que Gaia cobre com seu variado bordado de colinas, campos floridos, aldeias, bosques e rebanhos [...] É como se a terra tivesse duas portas ou aberturas, uma que se abre do profundo em direção a Gea e uma que de Gea conduz ao abismo de Ctônia.” (AGAMBEN, Giorgio.; MATOS, Andityas. S. de M. C. 2021, p. 84)

Por assim, então, Andityas Matos deixa claro que, tanto a Terra, quanto a terra, seriam

compostas por duas partes, a inferior e a superior, sendo a primeira Ctônia, e a segunda, Gaia, a terra visível, palpável. Vale salientar, ainda, que essa é a visão da autora, podendo, as duas divindades serem vistas como facetas da mesma deusa. Mesmo assim, se voltar o olhar para Gaia/Gea/Géia, aqui, denominada por Gaia, se irá notar alguns atributos marcantes. Gaia, primeira divindade remetida ao gênero feminino, é vinculada à duas características iniciais: à Terra e à maternidade. Mesmo assim, ambas podem ser consideradas como “origem”. Origem, primeiro da Natureza, do local onde os seres humanos se encontram; e segundo, a origem da vida, do nascimento e dos seres.

Estes pontos, vão de encontro com Emídio, quando esta exprime sobre a relação mitológica dos argumentos a cima citados que “[...] inferimos que essa relação de feminino e maternidade já data da construção da mitologia como história de um povo.” (Emídio, 2011, p.144). Ou seja, a utilização da figura feminina, ligada à maternidade (ambas “dominadas” dentro da sociedade exploratória e patriarcal do Ocidente) não é uma novidade. No entanto, isso passa a ser questionado quando Gaia é observada sob a lente de ser a Terra superior, um manto, que, ao longo dos anos vem remetendo à aspectos não apenas dela, mas de Ctônia também. Ainda, deste modo, a questão da *physis* ser ligada ao brotar e nascer da Terra, não estabelece uma ligação apenas com a Gaia, mas, ao mesmo tocante, com Cthônia, sendo o processo do brotar, não iniciado na primeira, mas na segunda divindade.

#### 4.2 COMPORTAMENTO DOS SERES HUMANOS DENTRO DO SEU AMBIENTE

Ana Luiza Moulatlet, em sua tese sobre psicologia ambiental, intitulada “O útero da terra-mãe” (2010), relaciona à Freud<sup>13</sup> a afirmação de que “os países atingiram um alto nível de sociedade quando descobrimos que neles tudo o que pode ajudar na exploração da Terra pelo homem e na sua proteção contra as forças da natureza, tudo, em suma, que é útil para ele – está disponível e é passível de ser conseguido” (Moulatlet, 2010, n.p). Outra ainda que comenta sobre dicotomia não apenas acadêmica, mas também social de natureza/sociedade é Feitosa, ao dissertar sobre o conceito dos antigos helênicos e o seu habitat e elaborar sobre a visão bifurcada de alguns historiadores envolvendo o contato da humanidade com a natureza atual; assim como a recorrência desta dentro do campo da História Ambiental: “Essa relação dicotômica conduz a outro caminho para o pensar humano: Tudo o que difere do homem deve estar ao seu dispor. Vemos, com isso, o triunfo do indivíduo possessivo e do utilitarismo.”

---

<sup>13</sup> Mesmo que neste trabalho a orientação psicanalítica seja embasada por Jung, se acha necessário comentar e referenciar Freud, já que nas teorias do primeiro, há ligação ao segundo.

(Feitosa, 2021, p. 216). Como dito na anteriormente neste trabalho, é basilar o desenvolvimento dentro do campo pesquisas que delimitem o que é, ou não, necessário para a vida e conforto do ser humano e o que está sendo utilizado hoje a partir dos meios naturais. De qualquer forma, o utilitarismo seria um bom começo para tal pesquisa. Sobre a utilização moderna da natureza pela sociedade, Feitosa também afirma que o homem utiliza o ecossistema que a autora considera “culturalizado” e “artificializado” construídos pelas suas mãos e reinventados pelas suas ideias, se tornando uma humanidade “assoladora”, quebrando a harmonia de um com o outro e iminentemente levando a um conflito por se apoderar dos seus conhecimentos e técnicas em prol da sua individualidade (Feitosa, 2021, p.220).

Assim, se entende que o início da “ruína” da relação humanidade/natureza nos padrões ocidentais, teria sido a consciência de que um pode utilizar o outro, sem que tivessem consequências iminentes. Desse modo, outros pontos críticos da História envolvendo esta relação como o mercantilismo e as revoluções industriais, passariam a ser apenas capítulos do grande processo da manipulação predatória da natureza e não o seu início.

Em consequente, Moulatlet ainda coloca que “a sucessora da sociedade primitiva, a sociedade moderna, não está imune ao selvagem e ao irracional. Seus crimes e impulsos originais sobrevivem na memória coletiva e nas instituições que dão sentido e estrutura à vida social.” (Moulatlet, 2010, n,p). Neste ínterim, como mencionado anteriormente, a sociedade moderna, e isto nunca foi questionado nesse trabalho, e se desenvolveu a partir de influências das antigas. Mas, aqui então, se descreve o modo em que as heranças provenientes de memórias coletivas, e atreladas à culturas remanescentes, podem influenciar atualmente as práticas da comunidade. Sejam elas de poder, cultura e/ou mentalidade sobre o (os) outro(s) ser(es) que habita(m) o “cosmo comum” que a vivência na Terra significa.

Winiwarter e o ecoeconomista Ignacy Sachs apelam também, como já colocado, a utilização da cultura da comunidade escolhida para dentro das pesquisas, assim como o estilo de vida, não podendo cair na falácia de redundar as respostas encontradas apenas como construções do meio. Envolver outros aspectos como o ecológico e o econômico fogem do que eles colocam da visão simplista da natureza como o ‘outro’ sem maiores aprofundamentos éticos. Winiwarter afirma tal ponto ao dizer que “como a natureza serve como o ‘outro’ da sociedade, os conceitos da natureza são sempre reflexos de construções sociais. Uma mera visão construtivista, no entanto, é insuficiente. Construções culturais são importantes, mas o mundo material não pode ser reduzido a uma construção.” (Winiwarter, 2010h, p. 11). Do mesmo modo e, em acréscimo, Sachs trás a definição de que é cultura todo nosso conhecimento do meio em

que vivemos. A cultura é um mediador entre a sociedade e a natureza (Sachs, 2000, p.9), ademais estabelecendo a ligação dessa com a ética do núcleo e outras variáveis o autor significa cultura, como:

[...] o conjunto dos valores, dos usos e das instituições, aquilo que os antropólogos conhecem e evidentemente está profundamente ligado com problemas dos postulados éticos [...]. Por outro lado, também está ligado com uma outra variável extremamente importante, neste jogo de harmonização do social, do ecológico e do econômico, que é o estilo de vida (Sachs, 2000, p.10).

Deste modo, a partir do próximo capítulo serão discutidas as implicações da cultura no comportamento humano. Assim como percepções do modo como as mulheres eram entendidas na antiga Hélade, e como a natureza foi pensada a partir das ideias patriarcais sobre o feminino.

## 5 MITOS E ARQUÉTIPOS DA NATUREZA: DEFINIÇÕES E RESULTANTES DAS INTERPRETAÇÕES DO NATURAL

### 5.1 HINOS E ARQUÉTIPOS: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES

As obras atribuídas a Homero, assim como o autor, sofrem de diversas incógnitas. Fábio Mazzarela, em sua resenha de *Hinos Homéricos*, de Wilson Ribeiro Jr, enuncia que estes hinos, assim como os poemas épicos, não teriam sido necessariamente compostos por um único poeta. Foram eles atribuídos a Homero sem nenhum motivo fundamentado, senão pelas semelhanças já mencionadas e também pela tradição (Mazzarela, 2009, p. 89). Mazzarela informa que essas obras líricas apareciam em festividades e eventos, expressando aspectos religiosos através do culto de divindades, levando para o público tanto as histórias mitológicas deidade, quanto a sua invocação (Mazzarela, 2009).

Neylene Souza, em *Os mitos, Consciência Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável*, fazendo uma reconstrução dos modelos ideológicos dos mitos antigos indiretamente presentes na atualidade, caracteriza que:

Um dos papéis que os mitos representam na sociedade é o de criador de consciência, de uma forma específica de consciência, que é coletiva e normalmente inquestionável. Ao se acreditar em alguns paradigmas fundamentados em mitos, a sociedade passa a agir e a reagir de uma maneira peculiar, que caso o mito fosse diferente, condicionaria outro tipo de comportamento (Souza, 2014, p. 349).

Deste modo, como também já proposto, um povo é passivo do condicionamento comportamental e/ou ideológico pelas suas narrativas mitológicas. A utilização de mitos, hinos, canções, pinturas e estátuas, ou seja, da arte e religiosidade em geral, assim como relatos orais, moldam o entendimento da comunidade. Renato Noguera acrescenta que a narrativa mítica permite algumas interpretações psicológicas e filosóficas sobre o papel das mulheres, assim como revelam aspectos sociais, antropológicos e históricos da sociedade (Noguera, R. 2017, n.p). Portanto, a compreensão desses mitos e lendas, mesmo que hoje não mais tenhamo mesmo sentido, leva a uma nova auto-percepção social. A vivência dessas narrativas não é possível ser desvincilhada da História, muito menos sua influência dentro das antigas sociedades, e indo além quando compreendemos em que medida nossas percepções do mundo são *herdeiras* desse passado.

Para essa lógica, Jung propõe, a partir das ideias de Freud, o conceito do Inconsciente Coletivo e seus Arquétipos. Ou seja, a parte não consciente da mente dos seres humanos seria dividida em um segmento pessoal e outro coletivo. O primeiro, seria a parte que um dia fora

consciente, enquanto a segunda nos remeteria à ligações hereditárias. Sobre essa ideia, Jung afirma:

Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade (Jung, 1976, p. 53).

Por consequência, interessa-nos aqui as análises do que colocam em relevo o Inconsciente Coletivo. Este tem seu conteúdo dividido em estruturas denominadas *arquétipos*. Assim, tais estruturas mentais seriam designadas como tipos arcaicos ou primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos (Jung, 1976, p. 16). Ao se assumir a existência dos arquétipos, concorda-se igualmente com a presença de configurações ordenadas na psique<sup>14</sup> do ser humano, as quais seriam correlacionadas com diversas formas existentes na realidade sensível. Jung ainda coloca que, dentro da pesquisa mitológica, essas formas seriam “motivos” ou “temas” (Jung, 1976, p.53). Ao comentar sobre a parte inconsciente da psique, Adam McLean aborda que os arquétipos, para Jung, seriam conectados não à um indivíduo em específico, mas sim, a algumas tradições, culturas ou até mesmo à *raça* que a pessoa se encontra desde o nascimento ou que faz parte da maioria do seu crescimento. Colocando deste modo, então, McLean ainda estabelece dentro destas ideias, que os arquétipos são resquícios de experiências de ancestrais e do grupo étnico a que se pertence (McLean, 1989).

O mito, dentro deste aspecto, pode ser integrado ao Inconsciente Coletivo como parte dos arquétipos dos seres humanos em seus primórdios, os quais “[...] não se interessam pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor, a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos” (Jung, 1976, p.17). Assim, os seres humanos entendem aquilo que não reconhecem pelo modo racional, espelhando suas vivências e sofrimentos, transforma-os inconscientemente em estruturas compreensíveis ao seu irracional, os seus arquétipos. E Jung inclusive conceitua os arquétipos como representantes do “modelo básico do comportamento instintivo” (Jung, 1976, p. 54). Deste modo, o autor ainda reivindica que a questão é empírica, não especulativa, e menos ainda, filosófica. Complementando, cabe destacar que, de acordo

---

<sup>14</sup> Em nota, Jung (1976, ed.2, 2000), em nota de rodapé, sobre a *psique*, é colocado que “Freud modificou seu ponto de vista fundamental aqui indicado em trabalhos posteriores: a psique instintiva foi por ele designada como “id” e o “superego” corresponde ao consciente coletivo, em parte consciente e em parte inconsciente (reprimido) pelo indivíduo” (JUNG, 1976, p.15).

com Jung, há “formas arquetípicas primordiais”, datadas de épocas que os seres humanos apenas “percebiam” o pensamento/consciência, de modo que esse era mais uma ideia de objeto do que parte do sujeito.

É justamente sobre esse tipo que se irá trabalhar aqui, isto é, com o arquétipo da anima. Jung o aloca no reino dos deuses, ou seja, na área que a metafísica reservou para si. Tudo o que é tocado pela anima se torna numinoso, isto é, incondicional, perigoso, tabu, mágico (Jung, 1976, p.37).

Emídio (2011) acrescenta, sob essa perspectiva, que a junção dos estudos da psicanálise com a mitologia abre diversos caminhos, devido ao fato da primeira procurar o “entendimento” do ser humano e a segunda “olha e fala sobre a humanidade”, ambas procurando compreender profundamente aspectos da mente humana. A autora coloca que:

[...] podemos considerar que mitologia e psicanálise constituem, em conjunto, um campo fértil para a leitura do humano, da vida e de suas mais variadas representações. Esse campo possibilita que elas se dirijam a qualquer época e possam ser inseridas em diversos contextos, pois não obedecem às leis do tempo- espaço-ação; elas são livres para se agregarem [...] (Emídio, 2011, p.39).

Jung ainda estipula uma ligação mais profunda sobre o tema. Para ele, haveria a *consolidação da consciência* a partir do momento em que os seres humanos passaram a recorrer a essas histórias mitológicas para o entendimento do não-conhecido. A humanidade começaria a estabelecer a auto-imagem e uma imagem “dos outros” pelo processo da estruturação dos arquétipos no inconsciente coletivo. Se pode, assim pensar que compreensão de si e do outro está ligada com o estabelecimento das primeiras ideias de moral, ética e empatia. Jung argumenta que:

Todo o esforço da humanidade concentrou-se por isso na consolidação da consciência. Os ritos serviam para esse fim, assim como as *représentations collectives*, os dogmas; eles eram os muros construídos contra os perigos do inconsciente, *os perils of the soul*. O rito primitivo, consiste, pois, em exorcizar os espíritos, quebrar feitiços, desviando dos maus agouros; consiste também em propiciação, purificação e coisas análogas, isto é, na produção mágica do acontecimento auxiliador. (Jung, 1976, p.32)

Souza, assim como Jung, ao dissertar a cerca dos mitos, sua função social e alegorias, estipula que esses tem diversas funções, podendo ser uma ou outra, ou as duas e mais por situação. Deste modo, é de maior valor o historiador perceber e analisar as características simbólicas da peça, do que a história contada naquela obra. Neylene Souza afirma que

Ao classificar os mitos, percebe-se que alguns servem para transmitir valores morais, outros esclarecem as origens, e ainda há os que explicam fatos e fenômenos naturais fazendo relação com as aventuras de deuses e mortais. Importando muito mais o simbolismo e o valor do mito do que a própria narrativa em si. (Souza, 2014, p. 351).

Ou seja, há a possibilidade de analisar mitologias em suas palavras cruas. Mesmo assim, para Neylene Souza, pensar além do que está na primeira camada é outra faceta da prática. Deste modo, ao abrir maiores caminhos para o entendimento das obras, será possível trazer à tona aspectos da cultura e da religião ali expostos.

Não cabendo dentro do recorte da pesquisa atual, mas à via de abrir portas para novos trabalhos, Jung também comenta o modo em que os arquétipos se mostram presentes em outras épocas. No caso, como os arquétipos, além de serem percebidos nas mitologias, podem ser encontrados nos dogmas, muito presentes na Idade Média Ocidental (século X – XV).<sup>15</sup>

\*\*

Para o atual trabalho, é preciso saber que, de acordo com Peter Levi, no seu livro *A Grande Sociedade Grega* (2008), “os chamados hinos homéricos são, com certeza, pós-homéricos (o último deles, de certo mérito, o hino a Pã, foi escrito provavelmente por volta do ano 500 a.C)”. Evelyn-White, ao traduzir *Hesiod: the homeric hymns and homeric* de William Heinemann, comenta que: “A data da formação da coleção como tal é desconhecida.” (Evelyn-White, 1914, p.34). Ou seja, é muito provável que ele (e seus “discípulos”) tivessem, ao longo dos séculos, reunido esses mitos anteriormente orais. Esta coletânea seria, portanto, reunida no século IV AEC, já que, de acordo com Evelyn-White, “é concebível que a coleção tenha sido estruturada no período Alexandrino” (Evelyn-White, 1914, p.34, tradução nossa)<sup>16</sup>, podendo ter acréscimos posteriores.

Ainda, para Wilson Ribeiro Jr. “Esses hinos tinham função de invocar a divindade celebrada ou homenageada na ocasião e muitos certamente antecediam a declamação de outros poemas ou de cantos corais [...]” (Ribeiro JR, 1999). Ao remeter os Hinos Himéricos à rituais de invocação, ou que a divindade era homenageada, ele estabelece que as pessoas que fariam essa celebração, conheceriam as histórias e o que os mitos que dizem sobre essa persona.

De acordo com Moses Finley, “o mito era o grande mestre dos gregos em todas as questões do espírito. Com ele, aprendiam moralidade e conduta; as virtudes da nobreza e o inestimável significado ou a ameaça da *hybris*<sup>17</sup>; e ainda sobre raça, cultura e até mesmo política.” (Finley, 1985, p. 05). Thassia Emídio complementa que “[...] os mitos foram

---

<sup>15</sup> “O dogma substitui o inconsciente coletivo, na medida em que o formula de modo abrangente. O estilo de vida católico neste sentido desconhece completamente tais problemas psicológicos. Quase toda a vida do inconsciente coletivo foi canalizada para as idéias dogmáticas de natureza arquetípica, fluindo como uma torrente controlada no simbolismo do credo e do ritual.” (Jung, 1976, p. 23).

<sup>16</sup> Original: “Conceivably the collection was arranged in the Alexandrine period. (Evelyn-White, 1914, p.34)”.

<sup>17</sup> A *hybris* vem a ser este processo de transgressão dos limites do homem - o *métron* -, de que resulta uma perigosa proximidade entre o deus e o homem, e que muitas vezes - nem sempre - atrai a cólera divina” (Leite, Isabela. 2010, p.2).

construídos por nossas buscas interiores, por nossa necessidade de responder aos próprios mistérios e de buscar entendimento sobre que nos é apresentado e vivenciado” (Emídio, 2011, p.34). Assim, utilizar um Hino Homérico, que, em sua concepção é associado aos mitos e à mitologia com a lógica de Emídio, nos deixa claro as conexões interpretativas. Concorda Finley ao expressar que “o passado só pode oferecer corroborações paradigmáticas para as conclusões que tiramos do presente; o passado, em outras palavras, ainda pode ser tratado da mesma forma atemporal com que tratamos os mitos” (Finley, 1985, p. 25).

Por fim, esse caráter reflexivo, adjunto ao olhar da realidade do presente, faz com que se entenda não apenas novas considerações sobre as obras mitológicas, mas também, acerca dos questionamentos, necessidades, visões e interpretações da atualidade do pesquisador.

## 5.2 O QUE NÃO É EU, É PROVAVELMENTE, FEMININO

Isto posto, a possibilidade de observar o presente pelo passado torna importante que se pense com mais acuidade o caminho pelo qual esse trabalho, seguirá: a psicanálise de Carl Jung. Como visto acima, um dos arquétipos dentro da estrutura mental do homem do Inconsciente Coletivo, a *anima* se apresenta em algumas formas distintas. Esse elemento, então, pode dizer respeito ao movimento do inconsciente masculino apresentado por uma forma feminina<sup>18</sup>, uma estrutura mental ativa dentro da mentalidade masculina, independente da vontade racional. Assim como muitas vezes essa configuração pode ser remetido como uma “ponte” entre o racional e o irracional. Iremos focar na primeira distinção.

De que modo seria, então, o comportamento do arquétipo da *anima* dentro da mente humana? Seria “ativado” quando o homem se depara com ideias e pensamentos que diferenciariam do que é o “culturalmente correto”. Para Jung, esses não necessariamente representam um perigo para o ser em questão, no entanto, por ter a polaridade feminina, a relação do homem com a própria *anima* é refletida na relação com o **feminino** criado pela sua sociedade. Seja esse **feminino**, as mulheres, ou algo relacionado e ligado à elas (inclusive visões culturais que ligam o feminino à natureza). Tudo que não é culturalmente parte dele, e este entende como alguma parte inevitável da sua convivência, ele seria impelido a enfrentar como um instinto de sobrevivência da auto-afirmação do masculino estruturada pela sua cultura. O ser humano, ao ter contato com um “desafio”, estaria enfrentando o outro. Por este motivo, a sua “estranheza” com o outro/desconhecido/mulher/natureza, transformar-se-ia em “atos de coragem”. No trabalho

---

<sup>18</sup> Para Jung, no caso do corpo feminino esta polaridade não seria denominada de *anima*, e nem seria feminina. Mas sim, reconhecida como *animus*, e ligada às estruturas masculinas.

aqui desenvolvido, identificamos essa coragem sob o modelo da opressão ao outro. Jung estabelece que:

A relação com a alma é outro teste de coragem, uma prova de fogo para as forças espirituais e morais do homem. Jamais devemos esquecer que, em se tratando da alma, estamos lidando com realidades psíquicas, as quais até então nunca foram apropriadas pelo homem, uma vez que se mantinham fora de seu âmbito psíquico, sob a forma de projeções. Para o filho, a alma oculta-se no poder dominador da mãe e a ligação sentimental com ela dura às vezes a vida inteira, prejudicando gravemente o destino do homem ou, inversamente, animando a sua coragem para os atos mais arrojados. Para o homem da Antigüidade a alma aparece sob a forma de deusa ou bruxa; [...]. Nos centros civilizados este estado de coisas manifesta-se na crescente instabilidade dos casamentos. O índice de divórcios nos Estados Unidos já foi ultrapassado em muitos países europeus, o que prova que a alma se encontra preferivelmente na projeção no sexo oposto [...] (Jung, 1976,p. 39).

De modo algum é pretendido colocar nas costas da teoria de Jung e dos Arquétipos do Inconsciente Coletivo a conta de todos os divórcios do mundo. O intuito é pensar como a psicanálise pode enxergar os comportamentos sendo afetados por esse aspecto da mente humana, a partir da visão de Jung.

Por conseguinte, há que se pensar nisso dentro do aspecto mitológico. Assim, o primeiro *outro* que o ser humano encontraria não estaria em seu núcleo de convivência, o qual determinaria sua percepção primeva de gênero, corpo e identidade (afinal estas significações corporais são estruturadas dentro da cultura). Sendo assim, o primeiro **outro** seria a própria natureza, e a forma dada pela cultura a esse **outro** seria a responsável por estruturar todo o seu entendimento do mundo natural. Por qual motivo seria Gaia representada por uma divindade feminina? Não tendo como negar o aspecto reprodutório do feminino e o aspecto da *physis*, acredita-se que é preciso levar em conta a ascensão do patriarcado. Estes seriam os principais fatores que, na sociedade Ocidental, levariam à estrutura comportamental de dominação da natureza, assim como um prelúdio do estabelecimento da cultura patriarcal.

### 5.3 REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA DENTRO DA MITOLOGIA HELÊNICA

A percepção da natureza pelo ser humano, de acordo com Jean Bolen (1984), é determinada pelo grupo social e étnico que está nas camadas dominantes do local. Ela discorre sobre o que denomina de “velha Europa”, ou que seria o continente europeu há cerca de 5 mil anos, quando tinha a maior parte de suas religiões focadas nas fêmeas, não nos machos da espécie humana. Nela, a “Grande Deusa” era venerada, e os padrões apontam para uma comunidade mais igualitária, com culturas ligadas ao mar e à terra. Essa situação teria se estendido até a invasão de “povos seminômades, cavaleiros indo-europeus” de outras regiões, que eram ligados a uma cultura patrifocal. Desse modo, a inversão dos valores ocorreu,

permanecendo ainda hoje e estabelecendo padrões que refletem nos comportamentos que a Europa imperializou para os outros continentes.

A literatura helênica antiga, como os poemas cosmogônicos e antropogônicos, de acordo com Marcelo Marques, seriam recitada/cantada em casos de “renovação e manutenção do poder da cidade” (Marques, 2007, p. 507). Isto exprime a percepção da natureza como cíclica e como uma extensão da vida na sociedade helênica. O autor reafirma esse ponto ao comentar como em *Timeu* (diálogo atribuído a Platão) fala-se sobre a cosmogonia e sua auto-repetição de ordem natural, desde um grande cosmos, até o padrão se refletir nas pólis gregas através dos hábitos, cultura e modelos sociais de comportamento. Souza, ainda lembra que:

Quando se naturaliza um conceito fundamentado em um mito, a coletividade passará a agir conforme os criadores do mito quiseram. O mito concomitantemente surge da sociedade e para a sociedade, já que ele é uma resposta às angústias humanas. Este é o ponto nodal da relação dos mitos com a consciência ambiental [...] (Souza, 2014, p. 359)

Por conseguinte, refletindo esta lógica, ser humano ao nascer não tem percepções ainda formada sobre o gênero, não podendo determinar seu primeiro **outro** como o sexo corporal dos indivíduos. Então, este ser primitivo encontraria outro aspecto da sua vivência para isso ao identificar uma estrutura completamente diferente de si: a natureza que ele observa em seu habitat. Após isso, ao crescer, estas pessoas relacionam o corpo feminino à natureza, muito provavelmente pela função que o “corpo feminino” tem de gerar outras vidas, assim como a *physis* é um aspecto da natureza. Essas estruturas mentais, por se repetirem, acabam por serem compreendidas como “orgânicas” dentro do inconsciente. Assim, como os seres humanos compreendidos como sendo do sexo feminino teriam uma maior afinidade (projetada pela cultura) com a natureza porque é delas que as vidas surgem. No entanto, a compreensão que se advoga, neste trabalho. É que a “ligação” começou a se formar quando as duas passaram a ser subjugadas pelo ser humano masculino.

## 6 O HINO DE GAIA E OLHARES HISTÓRICOS, SOCIAIS E AMBIENTAIS

### 6.1 A FIGURA DA MULHER HELÊNICA ANTIGA

De acordo com os estudos mais recentes sobre o período anterior às grandes civilizações, não foi uma sociedade com valores patriarcais a primeira a se estabelecer na Europa (Adovásio; Soffer; Page, 2009). Ao ter esta transição de uma comunidade matrilinear para patrilinear, pode-se entender que houve uma necessidade de estabelecer um lugar social para as mulheres pertencerem: como viveriam, o que fariam, como se comportariam, etc, já que agora a cultura predominante não era a anterior, mas sim a referente aos povos seminômades que chegaram ao local.

É da cultura que emerge após essas invasões que esta pesquisa se debruça. Neste sentido, faz-se necessário compreender como a mulher era vista na chamada Grécia antiga. Dayanne Seger lembra como Xenofonte introduz questões de natureza humana envolvendo o gênero masculino e feminino:

Xenofonte, no Econômico, nos lança uma comunicação entre o espaço privado da casa e as atividades que serão realizadas dentro dele, remetendo-as sempre ao gênero feminino: o cuidado com as crianças, a transformação dos grãos em comida e a fabricação de roupas — são todas atividades tipicamente femininas na compreensão do imaginário grego, justificadas pela **própria “natureza” do homem e da mulher.** (Seger, 2015, p. 35 – grifo nosso.)

Esta “natureza” seria uma ligação natural, a qual levaria a crer que as mulheres e a natureza teriam este vínculo também por serem e necessitarem estar submetidas à dominação masculina. Teoricamente, o espaço privado se tornou o local da mulher por excelência, enquanto o mundo externo pertenceria ao homem. Por conseguinte, se formou a cultura de que os homens saem das casas para trabalhar enquanto as mulheres constantemente trabalham para a casa se manter limpa e arrumada, em ordem e pensando na estrutura necessária para manter o bem-estar familiar. Seger também cita Aristóteles quando este relata sobre a diferença de funções homens e mulheres. Para o filósofo, o primeiro iria para a cidade e ao campo para trabalhar e a segunda, “tece a lã, faz pão e exerce as tarefas da casa” (Seger, 2015, p.35).

De acordo com Seger, a esposa seria o primeiro objeto de seu cuidado, e deveria ser sabiamente escolhida porque sua relação com o homem é a “mais primária” — aquela de natureza inquestionável — e a ela caberia o dever de manejar todo o grupo doméstico (Seger, 2015, p. 35). Assim, ao se dizer que a pólis reproduzia a ordem estabelecida pela cosmogonia

grega ancestral, é também colocar que, assim como Gaia, a função da mulher era ser o alicerce da família e da casa. Gaia tem o próprio corpo como uma casa para seus filhos, tanto os divinos quanto os mortais. E ela também que providencia o alimento ao entregar frutos e verduras que brotam de si, e roupas quentes nas peles dos animais que vivem em seus domínios (eles próprios, parte das coisas que “brotam” da natureza). Gaia tem Urano como seu esposo, submetendo a aceitar ordens quanto à criação dos filhos e à organização da Terra, elementos que corroboram a visão de Seger. Dessa forma, pode-se compreender a visão de natureza e de natural sendo estendida do cosmos à pólis. Sendo, uma coisa só, a ordem deveria ser a mesma.

Chama-se atenção aqui à realidade das mulheres gregas e sua representação mitológica. Danilo Bernardino denota que havia classificações para as mulheres ligadas ao seu valor e à sua serventia aos homens dentro daquela sociedade, que as distinguiam umas das outras.

Segundo Demóstenes, influente orador ateniense, seguindo ainda uma retórica masculina, certas mulheres, *etairoi*, serviriam para o deleite (intelectual) masculino nos banquetes, já outras, as escravas, para as necessidades sexuais, e as *gyne*, isto é, mulheres casadas com filhos, tinham a atribuição de administrar o *oikos*, chefiado pelo *kyrios* (senhor), ou o homem da casa. Além dessas, também pode-se mencionar *akore*, ou menina ainda não casada, nem ao menos noiva, e a *nimphe*, ou ninfa, jovem mulher que está prestes a se casar, ou já se casou, mas ainda não tem filhos." (Bernardino, 2021).

Emídio (2011) coloca que a agricultura provê o alimento e por isso é representada pela grande Mãe, pela mãe terra que forneceria comida e permitiria a sobrevivência fazendo com que a sociedade se desenvolvesse e perpetuasse. A autora ressalta que é comum a fertilidade e o crescimento serem relacionadas à mãe nas divindades helênicas. Dentro da mitologia helênica ainda há a questão de A Grande Mãe estar envolvida com a Morte vs. Prosperidade, Vida vs. Finitude. Novamente, a representação do Cosmos e da vida como um só em diversos níveis é a gestora dessa compreensão de mundo. O Cosmos e a terra, enquanto entidades separadas, mas também unidas, têm sua lógica refletida na pólis grega, seja nas questões de gênero, seja nas questões morais, seja na estrutura da vida ou nos domínios de morte. Na mitologia helênica, a grande mãe-terra é ligada não apenas ao nascer, mas também ao morrer; ao retirar a vida, ao extinguir alimentos, retornar ao ciclo sem fim de nascimento, morte e renascimento. Um ciclo que, não raro, era interpretado e ritualizado nas estações do ano.

Emídio coloca, ainda, a necessidade de se pensar sobre a questão do corpo feminino. Ao compreender o corpo da mulher como um repositório de fertilidade, pode-se interpretar a dominância masculina sobre ele e sobre as crias dele como a utilização do *outro* para a perpetuação não só da espécie, mas daquela cultura e daquele modo de vida. Isso, na perspectiva

do povo grego, seria possível a obtenção de maior segurança com um maior número de guerreiros. Por outro lado, isso também liga a perpetuação física ao olhar sobre a natureza — aquela que perpetua a vida individualmente de cada um. Em outras palavras, a segurança e o futuro daquela sociedade estariam baseados na dominação do corpo feminino e dos recursos naturais. Emídio relembra que “na *Conferência X — simbolismo nos sonhos* (1916[1915]/1996,v.5), Freud [...] aponta que a representação mitológica da mãe terra e o olhar do feminino na antiguidade estavam ligados à questão da fertilidade do nascimento”. (Emídio, 2011,p.46). Nesse sentido, a interpretação psicanalítica da mitologia bem como da sociedades helênicas reforça a teoria de que a dominância da natureza está ligada a visão da submissão do corpo feminino nas estruturas mentais do arquétipo da *anima*.

Butler (1990) ao apontar que “Irigaray argumenta que tanto o sujeito como o Outro são os esteios de uma economia significante falocêntrica e fechada, que atinge seu objetivo totalizante por via da completa exclusão do feminino” (Butler, 1990, p. 32), acaba por dar suporte as ideias apresentadas neste trabalho. Por fim, é imprescindível frisar o comentário de Seger acerca das mulher na antiguidade helênica.

A tentativa do distanciamento entre espaço público e feminilidade pode ter sido efetiva no meio do contexto em que foi criada, mas já não o é mais. São diversas as pesquisas nas últimas décadas que contribuem para a percepção de que as mulheres gregas e atenienses não estavam em uma posição inferior aos homens, demonstrando como as releituras da documentação antiga, tanto a textual, como a material, são benéficas para a desconstrução de “verdades” há muito consagradas nos meios acadêmicos (Seger, 2015, p. 41).

Essa “tentativa do distanciamento”, provavelmente advém das interpretações errôneas da época renascentista que trouxeram a perspectiva greco-romana como modelo de pensamento, e refletia proporcionalmente a visão do século XV, das mulheres pelos homens, do que a dos helênicos antigos. Mesmo que essas mulheres não estivessem exatamente sendo colocadas como inferiores aos homens, não exclui o modo que eram representadas mitologicamente. Necessitando, deste modo, a mesma releitura dentro do âmbito mitológico que Seger aponta sobre as discussões da feminilidade nos espaços públicos.

## 6.2 O HINO HOMÉRICO Nº30 E SUAS ANÁLISES

Neste subcapítulo, será analisado o Hino Homérico nº 30, referente à divindade Gaia.

A versão utilizada tem a tradução de Leonardo Antunes.

HINO HOMÉRICO 30, A GAIA MÃE DE TUDO (TRADUÇÃO.: C. LEONARDO  
B. ANTUNES)

**Gaia é quem canto, de bons alicerces, que a tudo  
gerou, A mais antiga, nutriz para todos que vivem no solo,  
Para os que vagam ao longo da terra, os que habitam o mar  
E os voadores. São todos nutridos na sua fortuna.**

As palavras iniciais: “Gaia é quem canto”, demonstram que é um Hino de invocação à divindade, seja para alguma necessidade ou o desejo de bons presságios, mas também para garantir a veracidade das palavras ditas. Após isso, fala-se que Gaia tem bons “alicerces”, o que poderia remeter a ela ter alicerce moral forte, remetendo a sua imagem materna; ou então ser bem nutrida, tendo um corpo constante e forte, sendo este visto como o local de habitação dos seres humanos.

Na segunda linha é dito que Gaia é a mais antiga, conforme a visão da cosmologia helênica. Ela seria nutriz, pois é aquela que entrega a “flora e fauna natural” e de boa fartura para a sobrevivência. Ao denominar que todos se utilizam da sua fortuna, o autor coloca que Gaia não é apenas a natureza terrena, mas também aquática já que o solo é também compreendido por sob o mar. Gaia é vista como boa para todos que vivem em sua estrutura, e deixa estipulado com “os que vagam ao longo da terra”, que a divindade não teria limites geográficos, o que é acrescido com “são todos nutridos na sua fortuna”, esta última palavra podendo ser remetida à uma cornucópia e/ou sorte, o que poderia remeter às boas ou más colheitas.

**Tu és quem cede a fartura, senhora, de frutos e filhos,  
E é dependente de ti dar os meios pra vida ou tirá-los  
Para os humanos mortais. É feliz quem recebe de ti  
Esta honraria, benévola. Tudo lhe dá em abundância:**

Nas duas primeiras linhas, então, o autor se refere a ela como senhora, podendo passar a impressão de que ela é dona daquilo, no caso a natureza, e essa pertencência a ela levando às suas mãos a decisão de dar os frutos ou não, assim, quem é abençoado por ela tem abundância não apenas sobre o natural, mas também em outros aspectos da sua existência. Isso porque a ordem expressa na natureza é também refletida na vida do ser humano em comunidade.

**Fartos se tornam seus campos, repletos de frutos nutrizes.  
Os seus rebanhos prosperam e a casa se farta de bens.  
Tais são os homens que em pólis de belas mulheres, com ordem,  
Têm o comando. Acompanham-nos grande fortuna e riqueza.**

As duas primeiras linhas poderiam fazer alusão ao aspecto cíclico da natureza com os

seres humanos e, do mesmo modo, às casas com prosperidade na segunda linha. Na segunda parte, o autor compara estas bênçãos da deusa com os homens que têm o comando em cidade/local/localidade em que há belas mulheres (tanto bonitas como virtuosas para a época), podendo fazer referência à fertilidade daquelas. No entanto, ao colocar que “a ordem” se dá com o comando dos homens sobre as pólis e, por consequência, sobre as mulheres, o autor supõe a necessária submissão das mesmas, atrelando seus comportamentos com a paz social. Juntandoesses aspectos na vida, o homem teria grande fortuna e riqueza. Gaia aparece como uma alegoria da “ordem natural” e da *hybris*, pois necessariamente precisaria compactuar com a lógica patriarcal para dar seus benefícios.

**Com renovada alegria estão sempre exultando os seus filhos  
E suas filhas em coros floridos com íntimo alegre  
Brincam saltando por cima das flores macias dos campos.**

Aqui se pensa que o autor estaria falando sobre a época da primavera, quando as flores estão macias nos campos, também podendo remeter a esta lógica quando é utilizada a palavra “renovada”. Ainda, a “renovada alegria” poderia ser relativa a uma boa colheita. No entanto, ao colocar as palavras “filhos” e “filhas”, o autor determina uma direta diferença de comportamento de ambos os sujeitos. Os filhos estão sempre sendo exaltados e as filhas brincam saltando, podendo levar uma interpretação de que os meninos serão sempre apreciados e as meninas são entendidas como “crianças, não crescidas”, não podendo ter responsabilidades como as dos homens. Essa segunda interpretação é corroborada quando selê as últimas linhas analisadas antes deste trecho, onde discorre sobre os homens abençoados, esses então olhando para seus filhos, o fruto da sua casa.

**Tais as tuas honras, augusta deidade, magnânimo nume.  
Mãe dos divinos, saúdo-te, esposa de Urano estrelado!**

Iniciando o final do hino aqui, o autor aponta quais seriam as honras e os objetivos da deusa Gaia. Ao expressar que ela é mãe do divino, ele novamente demonstra esse conceito da natureza cíclica e “infinita”, já que a natureza se expressa em diversos deuses e conceitos encontrados no panteão grego, assim como também para os humanos enquanto seres finitos. Nesse momento do hino, o autor parece reconhecer a deusa chegando ao local do rito e passa a saudar Gaia como esposa de Urano. Esse detalhe demonstra a simplicidade e a representação da natureza pela vivência das mulheres. Ao ser chamada de esposa de Urano, está invocando a parte dela em que esta não se encontra exausta e cansada. De modo que, parachamar Gaia, estão invocando uma esposa, e esta agiria como tal, e então “colocaria a comida na mesa” e sanaria

as necessidades, do jeito em que o hino se propõe ao evocar uma divindade.

**Benevolente concede ao meu canto alegrar corações.**

**Ora de ti e de uma outra canção eu irei me lembrar!**

As últimas linhas não estimulam para uma compreensão de maiores questionamentos. No entanto, o autor ao compreender que a deusa estaria entre eles, pede bênçãos a ela. Um último ponto que não será aprofundado, mas está aberto para a necessidade de maiores trabalhos, são os limites de entendimento entre Gaia e a deusa Deméter em relação à agricultura, já que a primeira remete à natureza, e a segunda, à prática do cultivo. Caso Gaia esteja sendo incorporada como diversos tipos de fertilidade e abundância, Deméter poderia ser realocada no entendimento atual e passar a ser compreendida como a prática da agricultura envolvendo saberes humanos, e não exatamente ligada à fertilidade do solo, mas sim o manejo deste. Enfim, é deixado a proposta.

Portanto, ao se utilizar da leitura Ecofeminista para compreender o modo como o ser humano compreende e dispõe da Natureza, torna-se mais evidente que esta, ao conectada ao feminino, acaba por estar na mesma posição vulnerável que o patriarcado dispõe às mulheres.

### 6.3 ARQUÉTIPOS DE ONTEM E HOJE: ECOFEMINISMO

O Ecofeminismo é uma corrente filosófica unida ao movimento feminista que visa relatar, entender e se aprofundar nas diversas relações entre o feminino e a natureza. Tal ligação remonta à séculos e, em se tendo como referência o trabalho de Carl Jung, a conexão ea natureza e o feminino faria parte de uma das estruturas moldadas pela cultura no sistema inconsciente dos seres humanos. Ao menos das culturas em que o masculino conferiu a si o lugar de sujeito e a todo resto o lugar de “outro”.

Neste capítulo, falaremos sobre o movimento ecofeminista e as ligações da mulher atual com a mulher da antiga hélade e a natureza. Assim como a ligação construída entre as mulheres e a natureza dão vida a linha de pesquisa ecofeminista, a linha de pesquisa ecofeminista volta às suas atenções e leva as discussões dos meios não apenas acadêmicos, mas também comunitários ao olhar de modo mais empático para as duas categorias. Nancy Unger, em *Women and Gender: Useful Categories of Analysis in Environmental History* (2014), estabelece que “o Ecofeminismo une o ambientalismo e o feminismo em uma causa global, afirmando que há um relacionamento entre a opressão da mulher e a degradação da natureza

pelo mundo.” (Unger, 2014, p.24, tradução nossa)<sup>19</sup>. Assim, ao se pensar em Ecofeminismo, um conceito cunhado pela contemporaneidade, não se pode, de modo algum não fazer uma reflexão da globalização atual e dos problemas do meio ambiente que hoje se estabelecem sendo uma das principais pautas do século. Nancy Unger, ao dissertar sobre o meio acadêmico da História Ambiental, pensa que ainda está se estabelecendo o campo do Ecofeminismo sendo uma opção ao se estudar o Meio Ambiente alinhado às questões de gênero.

Uma das novas tendências mais importantes é o reconhecimento da importância do gênero e do meio ambiente ao longo dos tempos, culturas, e fronteiras geográficas. O enorme aumento das histórias ambientais feitas por e sobre mulheres de todo o mundo está sendo finalmente apreciada e severamente disseminada pelos seus países de origem (Unger, 2014, p.27, tradução nossa)<sup>20</sup>.

A filósofa e ativista ambiental Vandana Shiva, renomado nome dentro do movimento Ecofeminista, em entrevista para o canal de YouTube “Canal da Bela”, falou sobre a relação da mulher com a natureza. Ela não apenas frisou a necessidade de se tentar compreender a construção sociocultural em que é forçada uma “ligação natural” entre as mulheres e a natureza; como também aconselhou os pesquisadores e ativistas a pensar nos papéis de representação de ambas dentro de realidades diversas. Em especial, ela chamou atenção para a objetificação da mulher, assim como da natureza.

Essa construção violenta sobre a mulher como passiva, e a natureza como inerte, é a conexão. Então como a gente foge desta armadilha? Me ajude a sair da armadilha, perceber que a relação entre a mulher e a natureza é uma relação construída. Não é uma relação de passividade. É uma relação de co-criação. É uma relação de parceria, inclusive de conhecimento. (Shiva, 2023)<sup>21</sup>

A representação de Gaia dentro da ordem do cosmos helênico também representaria o estabelecimento dos papéis sociais das mulheres. A visão de Gaia como uma mãe que cuida e uma mulher que cede às ordens do marido, mesmo com exceções, acaba levando a pensar sobre o papel social e de conduta que os homens gostariam que as mulheres tivessem. Emídio, complementa essa argumentação:

---

<sup>19</sup> Original: “Ecofeminism unites environmentalism and feminism into a global cause, holding that there is a relationship between the oppression of women and the degradation of nature throughout the world.” (Unger, 2014, p.24).

<sup>20</sup> Original: “One of the most important new trends is recognition of the importance of gender and environment across all times, cultures, and geographic boundaries. The huge outpouring of environmental histories by and about women from around the world is finally being appreciated and widely disseminated beyond their countries of origin.” (Unger, 2014, p.27).

<sup>21</sup> BELA, Canal da. Bela Gil & Vandana Shiva – A exploração da natureza . YouTube, 06/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7LCRogpKvmc> . Acesso em: 31/10/2023.

A representação do feminino na mitologia e os caminhos trilhados na construção do papel social da mulher estão relacionados, embora não explicitamente. Já que, como sabemos, o mito é a fonte a partir da qual o humano vai buscar explicações para si ao mesmo tempo em que constrói essa mesma fonte, o olhar dado à mulher nos dias de hoje ainda traz ressonâncias do olhar de tempos primevos e de modelos de relações trazidos pelas histórias mitológicas (Emidio. 2011, p. 51)

Já Bolen (1984) lembra que, devido à muitos povos terem similaridades mitológicas, mas culturas diferentes, é cabível entender que há “padrões preexistentes” que interferem no modo em que o ser humano age em diversas situações. A autora, também salienta que as mitologias continuam não apenas de forma comunitária, mas também individualmente importantes, já que haveria “uma ressonância de verdade neles sobre experiências humanas compartilhadas”. Ou seja, ainda são relevantes, pois foram relevantes durante muito tempo, e tiveram suas raízes estruturadas do mesmo modo, e essas “experiências humanas compartilhadas” não teriam se dissipado, continuariam de modo inconsciente dentro do inconsciente das pessoas.

Ainda sobre o padrão cíclico da natureza dentro da mitologia grega e sua inferência nos padrões arquetípicos de comportamento, Bolen (1984) lembra que dentro da mitologia grega, os deuses olímpicos eram, também “divindades humanas”. Não apenas pela sua fisionomia corporal, como por seus comportamentos e narrativas. Para Bolen, a imaginação humana criou as divindades, todas elas, como um espelho de suas experiências e do que queriam que fosse sua realidade e identidade futuras.

\*\*

Portanto, a relação de dominância do masculino sobre o feminino e o mundo natural foi estabelecida há muito tempo. Contudo, essa dominação não é “natural” por si. O contato com outras sociedades, que não estas moldadas pela cultura que se integralizou e expandiu pelo Ocidente, demonstra que outras leituras são possíveis sobre o feminino e a terra. Leiturasque, aliás, podem ser apreendidas das mais modernas pesquisas sobre a humanidade primitiva e suas comunidades mais igualitárias.

No entanto, com novas tecnologias, há o aumento da reivindicação do poder sobre qualquer coisa. Quem “descobrir” primeiro, quem fizer primeiro, quem conseguir primeiro; desde que se entendeu o humano como centro do universo, há claras e diversas competições para testar todos os limites possíveis. Infelizmente, dentro da história da parte ocidental do mundo, o patriarcado foi, e é uma realidade que dita comportamentos envolvendo o feminino

e o natural. Assim, se aproveitando da sua dominação em prol dos seus próprios fins, sendo um deles, a permanência do poder em suas mãos. Sobre isso, Shiva coloca que

Alguns homens poderosos fizeram o serviço de declarar que a natureza está morta para que pudessem então explorar a natureza. Falavam que a relação com a natureza é bruxaria. Essa foi a caça às bruxas. 9 milhões de pessoas mortas na Europa, no que chamo de epistemicídio. Mas esse epistemicídio leva ao ecocídio, o assassinato da natureza; feminicídio, o assassinato das mulheres; genocídio, matando um grande número de pessoas. E toda essa violência está interligada. Porque vem da mesma ideia de superioridade e separação (Shiva, 2023).<sup>22</sup>

A “ideia de superioridade e separação”, como exprime Shiva, pode ser pensada como um arquétipo baseado no medo do outro, daquele que não é o **eu** e que não pode ser incorporado. E, como não pode ser incorporado precisa ser dominado, estar sujeitado aopoder. Nesse caso, dentro das teorias de Jung, pode-se dizer que há a presença de uma “neurose”, ou seja, “quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, uma neurose.” (Jung, Carl. 1976, p.58). Jung coloca também, que a maior parte dessas são ocorrências sociais, alicerçadas nos arquétipos do Inconsciente Coletivo.

Buscou-se até agora, entender como as **mulheres** foram construídas como *O outro* dentro da cultura ocidental, herdeira da cultura helênica. No entanto, compreender isso é fundamental para que se possa desconstruir essa ideia. Conforme Butler, “as mulheres também são uma ‘diferença’ que não pode ser compreendida como simples negação ou como o ‘Outro’ do sujeito desde sempre masculino” (Butler, 1990, p. 46). Assim, nesse trabalho, mais do que compreender essa construção, buscou-se demonstrar que a ligação intrínseca entre o feminino e a natureza é um aspecto da dominação masculina e não é prejudicial apenas às mulheres, mas à existência humana, a qual dependem da terra e do mundo natural. O intuito aqui se encontrava em pensar na relação sociedade/natureza a partir das ideias que o ser humano têm desta. Por fim, é imprescindível lembrar que, de acordo com Emídio:

as configurações do feminino contemporâneo [...] apresenta-se como um processo de grandes mudanças, permitindo que as mulheres possam construir sua identidade social. No processo de mudança, muitas dificuldades e tarefas foram superadas, e continuam sendo, porque a construção como indivíduo e seu desenvolvimento, bem como a construção de uma identidade social, são constantes e necessitam sempre de transformações. (Emídio, 2011, p. 156)

---

<sup>22</sup> BELA, Canal da. Bela Gil & Vandana Shiva – Ecofeminismo. YouTube, 06/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fW7sesxIj-g&list=PLp3fF3jhMQV61C-FtTw5NCxLkxXUIEyw>. Acesso em: 31/10/2023

Deste modo, é preciso ter em mente que as mulheres de hoje, não são, de modo algum, as mulheres do passado. Mas reflexos das suas antecessoras, seja a de 150 ou 2.000 anos atrás. O feminismo e o Ecofeminismo trazem à tona discussões sobre o poder dentro da sociedade atual, assim como na das passadas. Esses dois movimentos são uniões sociais que, através da filosofia, sociologia, história e diversas outras áreas, não apenas levantam assuntos para debate, como também demonstram que a influência das mulheres e da natureza não podem ser minimizadas ou tidas como acessórias.

## CONCLUSÃO

A História Ambiental tem sido um campo em expansão proporcional à necessidade de discussão dos atuais problemas causados ao meio ambiente. Nos últimos séculos, a exploração predatória dos recursos naturais, até o ápice do aquecimento global na era atual, tornaram impossível que a História não desenvolvesse e olhasse para narrativas em que a natureza seja tão protagonista quanto o ser humano. Assim, este campo tem se desenvolvido com base nas três ramificações que Donald Worster propôs à guisa de organização e classificação.

O intuito do trabalho aqui apresentado era o de se utilizar de uma destas vertentes, mais especificamente a percepção que os seres humanos têm sobre a natureza. Desenvolvendo, a partir daí, uma proposta de entendimento sobre os motivos pelos quais se aprofundou uma separação e um descompasso na relação entre a humanidade e seu meio ambiente.

Ao início da pesquisa pensamos que seria possível encontrar algumas respostas na psicanálise, o que, de fato, ocorreu. No entanto, observamos que para pensar de fato a cultura — em todos os seus aspectos — dentro dos comportamentos humanos é preciso um estreito diálogo com o campo da história ambiental. Neste ínterim, ao nos depararmos com as reflexões e críticas propostas pelo Ecofeminismo, percebemos ter aí um elemento teórico analítico imprescindível para compreender as nuances da vinculação entre as mulheres e a natureza. Os arquétipos Junguianos do inconsciente coletivo se apresentaram, então, como uma leitura possível e convincente do reiterado patriarcalismo da sociedade capitalista ocidental. Junto deles, o ecofeminismo demonstra que a prática de entender o **feminino** como **outro** a ser subjugado, ligou a imagem das mulheres a da natureza, desencadeando as estruturas abusivas com que nos deparamos na atualidade.

Acreditamos, porém, que a análise proposta neste trabalho não esgota de forma alguma o tema. Inclusive, vemos aqui, abrir-se um leque de possibilidades de estudos, nos quais se pode utilizar as múltiplas faces das deusas da natureza como fontes arquetípicas para crenças e comportamentos em relação aos abusos sobre o meio ambiente.

Por fim, acreditamos que não é apenas no campo historiográfico, ou das ciências Humanas, que é preciso rever os diversos discursos em relação à natureza. Trata-se de uma necessidade absolutamente vital para a humanidade. A natureza é nossa parceira na coabitação planetária e não a “móvel da nossa casa”. Talvez, aqui, a *Teoria Gaia*, de James Lovelock,

possa ser resgatada nem que seja como um novo arquétipo filosófico a estruturar as futuras ações dos seres humanos em relação ao meio ambiente. Isso faria com que a natureza deixasse de ser vista como **outro**, como algo inanimado, sem necessidades, algo que é possuído e sobre o qual se exerce poder sem controle. A teoria de Lovelock nos aponta para uma nova igualdade, uma igualdade suprema, a igualdade entre o humano e tudo o que é vivo. Há muitos têm se falado, por exemplo, das espécies de animais em extinção, no entanto, faz muito pouco tempo que a ciência passou a alertar sobre o risco dos **biomas** em extinção. E, quando os biomas se extinguem, tudo o que depende deles entra em rota de extinção também. E isso, claro, compreende a própria humanidade. A apropriação da natureza pelo ser humano como um objeto de seu uso e bel prazer cada vez mais se mostra um erro e a conta a ser paga por este erro está à nossa porta, diariamente, nas manchetes dos jornais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOVÁSIO, James ; SOFFER, Olga; PAGE, Jake. O Sexo Invisível: O verdadeiro papel da mulher na Pré-História. 1. Ed. RECORD. 312 p. 2009.

AGAMBEN, Giorgio; MATOS, Andityas Soares de Moura Costa. Gaia e Ctonia. (Des) troços: revista de pensamento radical, v. 2, n. 1, p. 83-87, 2021.

BELA, Canal da. Bela Gil & Vandana Shiva – A Exploração da Natureza. YouTube, 07/03/2023. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7LCRogpKvmc&list=PLp3fF3jhMQV61C-FtTw5NCxLkxXUIEyw\\_&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=7LCRogpKvmc&list=PLp3fF3jhMQV61C-FtTw5NCxLkxXUIEyw_&index=2). Data da consulta: 31/10/2023.

BELA, Canal da. Bela Gil & Vandana Shiva – Ecofeminismo. YouTube, 06/03/2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fW7sesxlg&list=PLp3fF3jhMQV61C-FtTw5NCxLkxXUIEyw> .Data da consulta: 31/10/2023.

BERNARDINO, Danilo. Mulheres úmidas e homens secos: representações de gênero no mundogrego antigo. In: Café História. Publicado em 7 junho de 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/mulheres-umidas-homens-secos-genero-na-grecia-antiga/>.ISSN: 2674-5917.

BOLEN, Jean. As Deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 1990.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira, 2003.

CARVALHO, Ely. A história ambiental e a crise ambiental contemporânea: um desafio político para o historiador. ESBOÇOS (UFSC), Florianópolis – SC, v. 11,p.105-116, 2004.

CARVALHO, Miguel M. X.; NODARI, Eunice S.; NODARI, Rubens O. “Defensivos” ou “agrotóxicos”? História do uso e da percepção dos agrotóxicos no estado de Santa Catarina, Brasil, 1950-2002. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.24, n.1, jan.-mar. 2017, p.75-91.

CRONON, Willian. Modes of Prophecy and Production: Placing Nature in History. In: A RoundTable: Environmental History. Journal of American History 76:4, p. 1122-1131. 1990.

DEAN, Warren. A ferro e fogo—A história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. Companhia das Letras. São Paulo, 1997.

DEAN, Warren. A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica. Studio Nobel, 1989.

DRUMMOND, José. A. L. História Ambiental: Temas, Fontes e Linhas de Pesquisa. ESTUDOSHISTORICOS (RIO DE JANEIRO) , Rio de Janeiro, v. IV, n.8, p. 177-197, 1991.

DRUMMOND, José. A. L. Por que estudar a história ambiental do Brasil? - ensaio temático. VARIA HISTÓRIA (UFMG. IMPRESSO) , Belo Horizonte, v. 18, n.jan 2003, p. 13-32,2003.

DUARTE, Alisson J. O. Ecologia humana: a natureza enquanto divindade arquetípica. REVISTA ÁRTEMIS , v. 25, p. 309-323, 2018.

DUARTE, Regina. H. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. Historia Ambiental Latinoamerica y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha. [S.l.], v.9, n.2, p. 16-44, 2019. DOI: 10.32991/2237-2717.2019v9i2. p16-44. Disponível em: <http://www.halacsolcha.org/index.php/halac/article/view/401>. Acesso em:7/12/2023

EMIDIO, Thassia. S. Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, v. 1. 184p. 2011.

HEINEMANN, Hesiod, the Homeric hymns, and Homeric. Trad: Hugh Evelyn-White. 1920, SOMETIME SCHOLAR OF WADHAM COLLEGE, OXFORD. p. 692.

FEITOSA, Zoraida. M. L. O conceito de natureza: os gregos tinham razão. Prometheus: journal of philosophy, UFS, ed. 36, MAY-AUGUST 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/prometeus/issue/view/1027>. Data da consulta: 2 jul. 2023.

FINLEY, Moses. Mito, memória e História. In: \_\_\_\_\_. Uso e abuso da história. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 03-27.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendoparentes. ClimaCom Cultura Científica, 3(5), p.139-146, 2016.

JUNG, Carl. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo ; [tradução} Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud; trad. Vera Whately - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE, Isabela F. S. Criação, Hýbris e transgressão na mitologia heroica. Recuperado em, v.15, 2010.

LEVI, Peter. A Sociedade Grega. Barcelona, ES: Folio S.A., 2008.

LOVELOCK, James. A vingança de Gaia. In: **A vingança de Gaia**. 2006. p.160.

MARGULIS, Lynn. Symbiosis everywhere; In: Symbiotic planet: a new look at evolution. Basic books, 2008.

MARIANO, Zilda. F. ; SCOPEL, Iraci ; PEIXINHO, Dimas M. ; SOUZA, Marcos B. . A relaçãohomem-natureza e os discursos ambientais. Revista do Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo , v. 22, p.158-170, 2011.

MARQUES, Marcelo. Resenha – O conceito grego de natureza. Kriterion, v. XLVIII, p. 505-509,2007.

MARTINEZ, Paulo H. ; MAHL, M. L. História ambiental: entre o passado e o futuro. NOVAREVISTA AMAZÔNICA , v. 9, p. 105-116, 2021.

MAZZARELLA, Fábio. Resenha: RIBEIRO JR., Wilson A. (Ed.) Hinos homéricos: tradução, notase estudo. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. 576 p. 2010. CODEX: Revista de Estudos Clássicos. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/2804>>. Data da consulta: 6 dez. 2023.

MCLEAN, Adam. A Deusa tríplice: em busca do feminino arquetípico / Adam McLean; tradução Adail Ubirajara Sobral. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

MOULATLET, Ana L. M. O útero da Terra-Mãe. Dissertação (Pós Graduação em SemióticaPsicanalítica) - Clínica da Cultura. São Paulo, p. 44. 2010.

MURACHCO, Henrique G. O conceito de physis em homero, heródoto e nos pré-socráticos. Hypnos. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/265>. Data da consulta: 03 dez. 2023.

NEOLYMPIKAI. Hino homérico 30, a gaia mãe de tudo (trad.: c. Leonardo b. Antunes). 07 de Julho de 2013; <http://neolympikai.blogspot.com/2013/07/hino-homerico-30-gaia-mae-de-tudo.html>; Data da consulta 19/06/2023.

NOGUERA, Renato. Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual. 1. ed. , 2017. v. 1. 160p.

PÁDUA, José A. As Bases Teóricas da História Ambiental. Estudos Avançados (USP.Impresso) , v. 24, p. 81-101, 2010.

RIBEIRO JR., Wilson A. Gaia e Urano, a terra e o céu. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: [greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0659](http://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0659). Data da consulta: 19/06/2023.

RIBEIRO JR., Wilson A. Gaia, a mãe de todos. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: [greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0088](http://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0088). Data da consulta: 19/06/2023.

RIBEIRO JR., Wilson A. Hinos homéricos. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: [greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0262](http://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0262). Data da consulta: 01/11/2023.

SACHS, Ignacy. Sociedade, cultura e meio ambiente. Mundo & vida, v. 2, n. 1, p. 7-13, 2000.

SEDREZ, Lise; BIASILLO, Roberta. Rooting Out Injustices from the Top: The Multispecies Alliance in Morro da Babilônia, Rio de Janeiro. Social Text, v. 40, n. 1, p. 91-108, 2022.

SEGER, Dayanne. D. Entre ideologia e representação: Novos Olhares Sobre as MulheresAtenienses. Cantareira (UFF) , v. 01, p. 22-41, 2015.

SOUZA, Neylene F.; Os Mitos, a Consciência Ambiental e o Desenvolvimento Sustentável. In: Belinda Pereira da Cunha; Maria dos Remédios Fontes Silva; Terezinha de Oliveira Domingos. (Org.). DIREITO E SUSTENTABILIDADE I. 23ed. Florianópolis: CONPEDI, v., p. 348-365, 2014.

UNGER, Nancy. Women and Gender: Useful Categories of Analysis in Environmental History. In A. Isenberg (Ed.), Oxford Handbook of Environmental History. Oxford University Press, pp. 600-643. 2014.

WHITEHEAD, Alfred N., 1861- O conceito de natureza / Alfred North Whitehead ; [tradução Julio B. Fischer]. - São Paulo: Martins Fontes, 1994. -(Coleção Tópicos).

WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre a História Ambiental: um guia de campo para os seus conceitos. Abordagens geográficas, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2010.

WORSTER. Donald. Para fazer História Ambiental. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, \101. 4,n. 8, p. 198-215. 1991.

## ANEXO A – FONTE UTILIZADA

Hino Homérico nº 30 em português, tradução de Leonardo Antunes.

← NEOLYMPIKAI

Compartilhar julho 07, 2013

Marcadores

Hinos Homéricos

**HINO HOMÉRICO 30, A GAIA MÃE DE TUDO (TRAD.: C. LEONARDO B. ANTUNES)**

—

Gaia é quem canto, de bons alicerces, que a tudo gerou,  
 A mais antiga, nutriz para todos que vivem no solo,  
 Para os que vagam ao longo da terra, os que habitam o mar  
 E os voadores. São todos nutridos na sua fortuna.  
 Tu és quem cede a fartura, senhora, de frutos e filhos,  
 E é dependente de ti dar os meios pra vida ou tirá-los  
 Para os humanos mortais. É feliz quem recebe de ti  
 Esta honraria, benévola. Tudo lhe dá em abundância:  
 Fartos se tornam seus campos, repletos de frutos nutrizes,  
 Os seus rebanhos prosperam e a casa se farta de bens.  
 Tais são os homens que em pólis de belas mulheres, com ordem,  
 Têm o comando. Acompanham-nos grande fortuna e riqueza.  
 Com renovada alegria estão sempre exultando os seus filhos  
 E suas filhas em coros floridos com íntimo alegre  
 Brincam saltando por cima das flores macias dos campos.  
 Tais as tuas honras, augusta deidade, magnânimo nume.  
 Mãe dos divinos, saúdo-te, esposa de Urano estrelado!  
 Benevolente concede ao meu canto alegrar corações.  
 Ora de ti e de uma outra canção eu irei me lembrar!